



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA
Bárbara Natália Honorato de Sousa

UMA PRÁTICA DO LIVRO PARADIDÁTICO DE FILOSOFIA-
OS CINCO DA FILOSOFIA: A MAÇÃ DE OURO

Brasília
2018

BÁRBARA NATÁLIA HONORATO DE SOUSA

UMA PRÁTICA DO LIVRO PARADIDÁTICO DE FILOSOFIA-
OS CINCO DA FILOSOFIA: A MAÇÃ DE OURO

Monografia apresentada à
Faculdade de Filosofia da Universidade de
Brasília, como requisito obrigatório para
conclusão do curso de licenciatura filosofia.
Orientadora: Prof. Priscila R. Rufinoni.

Brasília
2018

BÁRBARA NATÁLIA HONORATO DE SOUSA

UMA PRÁTICA DO LIVRO PARADIDÁTICO DE FILOSOFIA-
OS CINCO DA FILOSOFIA: A MAÇÃ DE OURO

Banca examinadora

Prof.Dr. Priscila R. Rufinoni

Prof. Dr. Pedro Gontijo

Agradecimentos

Por vários momentos na vida tomados pela arrogância e pelo orgulho de nós mesmos, podemos achar que conseguimos alcançar ou realizar nossos sonhos inteiramente sozinhos e sem ajuda de ninguém, mas isso pelo menos para mim é uma mentira. Não teria chegado até aqui sem a ajuda, apoio e conselhos de várias pessoas que marcaram minha vida e sempre estarão no meu coração onde quer que eu vá.

Meu primeiro agradecimento não é para pessoas em si, mas para as energias que creio regerem esse universo, portanto agradeço primeiro a Deus, a todos os santos que fiz das mais diversas promessas para entrar nessa universidade e aos orixás que pedi sabedoria e discernimento nessa jornada. Meu imenso muito obrigada, não poderia deixar de dizer isso aqui.

Meu segundo agradecimento vai para minha mãe, que me educou e criou permitindo que eu fosse sempre quem eu sou, que me ensinou que a honestidade, a verdade, o esforço, a gentileza e, sobretudo respeito eram os valores principais para se ter nessa vida. Obrigada por tudo, por sempre lutar para que eu tivesse acesso a uma educação formal de qualidade e por me ensinar que eu não devo ser submissa a nada e nem a ninguém.

Meu terceiro agradecimento é compartilhado, agradeço a instituição que abriu as portas e as janelas na minha vida, que sempre acreditou em mim, apoiou meus sonhos de todas as formas e que levo no meu coração como parte da minha família, Fundação Bradesco, sem você e seus docentes eu não seria metade de quem sou agora. Agradeço também aos meus amigos e amigas que estiveram comigo, me apoiaram, que compartilharam comigo as mais diversas aventuras que me inspiraram a escrever esse livro, a maioria de vocês seguiu outros caminhos enquanto eu segui o meu, coisas da vida, então meu agradecimento especial vai para os meus melhores amigos, os melhores que alguém pode ter Igor, Gabriel, Mariane, Mirele e Josi, se o para sempre for realmente possível, quero vocês para sempre na minha vida.

Meu quarto agradecimento, mas não menos importante, vai para a professora Priscila que sempre apoiou minhas ideias um pouco mirabolantes, obrigada pelo apoio, pelos conselhos acadêmicos e por ser essa grande docente. Agradeço também aos professores que me inspiraram a continuar nessa luta e caminhada do ensino de filosofia nas escolas, professor Pedro Gontijo, professora Gláucia Figueiredo, professora Ana Miriam, professor Wanderson Flor e Rogério Basali.

Por último e o agradecimento mais importante eu agradeço a mim mesma que lutei, me esforcei, estudei para chegar até aqui, não foi fácil, mas valeu a pena.

Citação (frase)

"Nós não precisamos de **mágica** para transformar nosso mundo. Já temos o poder que precisamos dentro de nós mesmos. Nós temos o poder de imaginar o melhor."

J.K Rowling - Em um discurso na Universidade de Harvard, em 2008.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
CAPÍTULO 1	11
CAPÍTULO 2	23
CAPÍTULO 3	32
CAPÍTULO 4	37
CAPÍTULO 5	41
CAPÍTULO 6	46
CAPÍTULO 7	55
CAPÍTULO 8	64
CAPÍTULO 9	69
CAPÍTULO 10.....	82
POSFÁCIO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

PREFÁCIO

Olá! Eu sempre achei meio estranho quando o autor ou autora fala com seus leitores e leitoras, mas confesso a você que está lendo esse livro, que é um belo modo de começar. Portanto, Olá! Como está? Esses cumprimentos fazem eu e a conhecida ou pelo menos assim esperamos, Filosofia. Sim a Filosofia estará conosco durante toda essa aventura, por hora não vou adiantar muito dela, apenas que ela será como uma guardiã que nos acompanhará, uma coruja que observa com seus grandes olhos e por vezes nos desperta com seus pios audíveis independentemente de onde estivermos.

Para iniciar eu preciso prestar algumas contas nesse prefácio, como um dever de casa que de primeiro momento você não quer fazer, mas depois acaba por tomar gosto em fazê-lo. Bom, vamos a alguns esclarecimentos a respeito dessa obra. Primeiro ponto é que esse livro caro leitor ou cara leitora pretende fazer com que você tenha contato ou um pouco mais de contato com a filosofia, como quando alguém lhe oferece uma pequena porção da comida preparada para provar, mas ainda não é o prato completo. Segundo ponto é que essa obra se pretende paradidática. O que é paradidático? Bom, não existe uma unanimidade a respeito do que é um paradidático entre aquelas e aqueles que se dispuseram a pesquisar esse assunto, mas podemos dizer que essa modalidade de livros que foi criada na década de 70 no Brasil, pela editora Ática¹, mais precisamente pelo então presidente dessa editora Anderson Fernandes Dias, a coleção que é coroada como a primeira dessa modalidade, “Para Gostar de Ler” foi produzida pelo editor Jiro Takahashi, o qual é considerado por Ernesta Zamboni² como a pessoa que criou esse termo para a nova modalidade.

Podemos então concluir que o livro paradidático sempre é construído já se pensando em ser paradidático? Na verdade não cara leitora e leitor, muitos livros que

¹Kazumi Munakata traz em sua tese de doutorado “Produzindo livros didáticos e paradidáticos” essa vertente de quem cunhou o termo paradidático, a qual ele cita como fonte para tal assertiva o periódico *Leccionare*, ano 1, nº1, set/1993, p.9.

²Ernesta Zamboni é professora doutora, graduada pela PUC-Campinas, mestre pela Universidade de São Paulo e doutora pela Unicamp. Sua tese de doutorado intitulada “Que história é essa? - Uma proposta analítica dos paradidáticos de História” ela nos traz essa vertente de onde adveio o termo paradidático.

não foram pensados como paradidáticos são usados como tal. Como por exemplo “ O homem que calculava” de Malba Tahan, cujo autor escreveu a obra antes mesmo do termo paradidático ser criado, mas pode e é usado como paradidático por professores que o inserem no contexto escolar para tornar mais lúdico o conteúdo e despertar interesse pela matemática. Inclusive, a função do paradidático é justamente essa: **complementar o conteúdo trazendo um determinado assunto disciplinar e ou transversal de forma que atraia aquele que o lê, no caso e geralmente, as crianças e adolescentes.**

Os livros paradidáticos existem em outros lugares do mundo além do Brasil, mas não são chamados dessa forma, um bom exemplo, é *O Mundo de Sofia* do autor norueguês Jostein Gaarder que foi professor de Filosofia e vendo uma carência de obras que tratassem dessa matéria para jovens decidiu escrever esse livro de caráter um tanto quanto histórico da filosofia, mas sem perder de vista o movimento filosófico que se espera de uma obra filosófica. Infelizmente se você espera que esse seja um novo “Mundo de Sofia” talvez saia decepcionado, mas com toda certeza dou a ele o crédito de me fazer interessar por esse tão vasto mundo da Filosofia aos 11 anos.

Tal prática também foi realizada por outros autores como Rick Riordan autor de séries como *Percy Jackson e os Olimpianos*, *As Crônicas dos Kane*, *Os Heróis do Olimpo* dentre outras, o qual foi professor durante quinze anos de História em escolas públicas e particulares americanas e decidiu escrever séries de livros infanto-juvenis inspirado nas mitologias, grega, egípcia, romana e nórdica por perceber uma carência de obras assim, que inspirassem e fomentassem o interesse por essa disciplina. Sendo o seu filho o principal incentivador já que ele adorava as histórias contadas nessas mitologias. Diria que suas obras me nortearam na escrita deste meu livro.

Não poderia deixar de citar aqui uma obra que me inspirou também a escrever “Os Cinco da Filosofia: A Maçã de Ouro”, que foi “A Cidade das Damas” de Christine de Pizan “. É uma obra do período medieval, portanto escrita muito antes do termo paradidático nascer, mas que carrega em seu cerne muitas características dessa modalidade de livros, já que nos ensina aspectos da filosofia de forma acessível.

Teremos aqui então a primeira história que se pretende ser o volume inicial de uma trilogia que compõem um só enredo, uma aventura, caminhada que para tal tentou se aproximar ao máximo da forma informal que os jovens do Distrito Federal falam para criar uma maior interação entre o leitor e o texto. Há, portanto, marcas de

oralidade, o uso do ter como haver, o uso da caixa alta indicando um tom alto de voz, uso de reticências e de interrupções entre as falas das personagens, uso de contrações das palavras para (pra), estou, (tô), está (tá) dentre outras, o uso de gírias, como “ve”, típico do Distrito Federal que funciona como o “meu” paulista e o “brother” carioca, o uso do “aff” que é usado aqui nos diálogos como uma expressão de aborrecimento, dentre outras tantas que não serão citadas aqui na introdução já que você deve ter percebido, caro leitor ou leitora, que já está demasiada grande. Isso é um **ALERTA**³ para todos e todas que vão ler essa obra, a qual tem como alvo os jovens de catorze e quinze anos do primeiro ano do ensino médio. Vire a página e vamos conhecer nossos companheiros e companheiras Anahí, Josi, Maitê, Igor e Fernando.

³ Quando escrevemos uma obra tendo em vista um público específico e que esse público se identifique com ela se faz necessário aproximar o que estamos escrevendo desse público, aqui no caso os adolescentes. Por isso a obra tem diálogos coloquiais e anacolutos. É uma proposta didática que eu me propus a fazer.

Capítulo 1-Maitê

Quantos livros será que faltam pra eu carregar pra ficar com um belo problema de coluna? Provavelmente não muitos, já que todo dia o meu ombro esquerdo incha. Eu sempre chego quinze minutos mais cedo na escola, morar longe dá nisso, mais especificamente se você mora na expansão do Setor “O” e estuda no outro extremo da cidade, o que no caso para mim é a Guariroba.

Tenho que esperar a Josi chegar para copiar o dever dela de física, por enquanto fico esperando ouvindo uma boa musiquinha, Dua Lipa para começar bem o dia. Mal sabia eu que aquele dia poderia ter começado do jeito que fosse que ainda assim seria o início de uma nova fase e não era só pelo fato de fazer apenas um mês que eu havia entrado no ensino médio.

– E aí Mai, como foi o fim de semana? – juro que toda vez que a Josi chega assim de repente eu levo um susto.

– Foi ótimo apesar de eu não ter conseguido baixar todas as séries que eu queria – dei aquele abraço apertado costumeiro nela. – E você? Como foi o casamento da sua prima?

– Vei, foi muito bom, os docinhos foram a melhor parte.

– É porque a parte de você ser dama de honra já virou costume né?! – Josi sempre era convidada para ser dama de honra e ou madrinha de casamento.

– Não foram tantas vezes assim Maitê...

– Não, só quatro milhões de vezes – disse cortando o que ela ia dizer, o costumeiro foram apenas trinta vezes.

– Foram apenas trinta vezes.

Eu disse que ela ia falar isso. O portão da escola finalmente abriu e a gente entrou, eu ainda tinha que pedir o caderno da Josi para copiar o dever de física.

– Me empresta seu caderno de física? – joguei a mochila no banco que ficava de frente para a sala de aula da professora Mariane. – Por favor!

– Você devia fazer o dever em vez de ficar pedindo emprestado. – disse Josi com seu tom de alerta. Já tinha ouvido essa frase umas cinquenta vezes só esse mês.

– É de física, você sabe que eu tenho dificuldade. – ela já estava pegando o caderno na mochila e eu dei aquele suspiro de alívio. O professor de física era bem rígido e eu não estava muito a fim de levar bronca hoje.

– Na próxima eu não vou emprestar, você é inteligente só não tá conseguindo fazer porque tem preguiça de estudar, tirando física você está indo muito bem, em história então nem se fala.

– É diferente, afinal história é bem melhor que física...

Nessa hora eu deveria ter ficado calada, pois o professor Marcos, nosso professor de física, passou bem na hora e escutou o que eu disse, eu e minha boca gigante. A olhada que ele deu para mim já traduzia cem por cento da discordância ao que eu disse. Pelo menos ele não prestou atenção no caderno. Josi começou a rir compulsoriamente como quando tinha qualquer momento de tensão.

– Não teve graça Josi. – Fui logo dizendo.

– Pra você, mas para mim teve muita. Há olha lá a Anahí...Anahí vem cá!

Tenho que avisar que eu não vou com a cara dessa garota, a Anahí, pensa numa pessoa arrogante e agora multiplique, pois é essa é a tal da Anahí. Eu não podia ficar prestando atenção na conversa das duas mesmo, afinal tinha três questões para e copiar ainda. Mas não adiantaria eu evitar a Anahí por muito tempo, já que estudávamos na mesma sala, aff, ninguém merece.

Felizmente eu consegui terminar antes que o sinal tocasse, até porque já dava para ver a professora de filosofia chegando, o cabelo vermelho cor de cereja dava pra ver de longe. Percebi que ela já vinha trazendo um monte de bonecos na mão, além da sua inseparável bolsa laranja com flores bordadas nela, eu não achava aquela bolsa muito bonita, mas eu que não vou julgar, já que vivo vestida com a minha jaqueta preta de couro e muita gente não gosta. Ainda bem que a blusa da escola era preta, porque aí ficava o look preto perfeito de todo dia.

– Maitê segura aqui pra mim esses bonecos enquanto eu abro a porta.– eu olhei com aquela cara de o que custa pedir por favor, mas ela completou rapidamente.– Por favor.

– A gente vai brincar hoje ou algo assim?

A professora Mariane riu do que eu disse, eu a acompanhei até a mesa dela e nela coloquei os bonecos. Josi se sentou bem na frente como sempre, depois que viramos amigas eu passei a acompanhar nesse mau hábito. Fala sério cara, sentar na frente em todas as aulas? E olha que como tínhamos que trocar de sala sempre que tocava o sinal e não tínhamos lugar marcado, eu não entendia muito bem o motivo de ela fazer isso.

– Bom dia turma, vou fazer a chamada rapidinho, façam silêncio se não vão levar faltas.

Eu me virei pra Josi e falei mais baixo para que a Anahí que estava do outro lado dela não escutasse.

– Toda vez a professora fala isso e toda vez o povo aqui da sala fica conversando.

– Né Maitê!

– Né nada, é que eu gosto de falar.

– Eu sei, já deu pra perceber...SHHHH, meu nome tá chegando!

Enquanto todo mundo respondia com “eu”, Josi sempre respondia “presente”, sério pensa numa pessoa correta, essa é a Josi, inteligente era pouco pra dizer dela sabe e ele ama estudar, tenho que confessar que admiro isso nela, eu odeio estudar, amo ler livros de ficção e também livros didáticos de história, mas sentar e fazer resumos e fichamentos, não era muito a minha praia não, o que me preocupa, pois quero fazer o PAS da UNB (Processo de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília), mas é tão bom ficar vendo série deitada na cama...Aff essa vida de estudante.

– Maitê, Maitê, MAITÊ...

Eu não tinha percebido que a professora estava me chamando há mil anos.

– Eu, presente professora.

– Vamos acordar gente, não tomou café da manhã?

Era uma pergunta retórica, então fiquei calada. Mas sempre tinha algum idiota pra rir dessas coisas e advinha só quem riu? Desculpa, esqueci que você não conhece todo mundo da nossa sala, bom quem riu foi o Fernando, sério esse garoto deve ter algum problema. Virei pra trás já com aquela cara de poucos amigos, óbvio que ele parou de rir na hora.

– Olha aqui querido...

– Maitê vira pra frente e Fernando não é pra rir da colega, ok?

Não tinha visto que a professora tinha terminado a chamada e já tinha escrito o tema da aula de hoje, “*Ilíada*”. Que merda era essa? Desculpe, às vezes escapa.

– Alguém aqui já leu a “*Odisseia*”? – Disse ela escrevendo essa palavra no quadro.

Algumas mãos levantaram e claro a da Josi e da Anahí, cadê a novidade?

– Muito bem, quem leu quer dar um resumo para a turma?

– A *Odisseia* é uma obra clássica que foi escrita por Homero, na forma de versos e conta a história de Ulisses rei de Ítaca que lutou na guerra de Tróia e após o seu término sofreu inúmeras desventuras pra voltar para casa. – Anahí falou isso tão rápido que eu achei que ela realmente tinha engolido um gravador ou sei lá.

– Muito bem Anahí. Como você bem disse é a história de Ulisses, ou como alguns chamam Odisseu que lutou na famosa guerra de Tróia ao lado de Menelau e Agamenon que era rei de Micenas. Essa parte da história que conta em detalhes como a guerra começou e terminou se encontra na obra *Ilíada*, também de Homero. – Eu estou tentando anotar tudo isso o mais rápido que eu posso o que é engraçado porque eu sou canhota e a carteira de braço que eu usava era de destro (nunca tinha carteiras para canhotos na sala de filosofia e eu tinha preguiça de pegar uma em outra sala).

– Tá professora, mas como exatamente começou essa guerra e toda essa história? – Me espantei, porque dessa vez quem perguntou foi o Igor, ele senta lá atrás em todas as aulas, nunca fala com ninguém, sei disso porque já tentei forçar amizade.

– A gente vai ver isso agora. – A professora Mariane terminou de escrever no quadro “Homero” e em seguida pegou o boneco de um cara bem velho usando uma túnica branca e mostrou pra gente.

– Há muitos e muitos anos atrás numa terra bem distante do Brasil, existiu segundo diversas histórias e lendas um homem chamado Homero que seria o autor dessas duas grandes obras, a *Ilíada* e a *Odisseia*... Ei vocês aí no fundo prestem atenção aqui, por favor!. – Engraçado como sempre tem alguém pra interromper caro leitor ou leitora. – Bom Homero seria o autor dessas duas obras, um poeta, porém não temos comprovação de que ele realmente existiu, pode até mesmo ser que essas duas histórias tenham sido compostas por outro autor ou autores ou até mesmo eram histórias que circulavam pela região e que chegaram até os dias atuais pelas mais diversas formas.

– Então quer dizer que a *Ilíada* e a *Odisseia* são como algumas lendas que conhecemos? – Josi como sempre sendo uma das poucas que pergunta durante a aula.

– Sim e não, mas calma chegaremos lá Joseane. – Pois é o nome da Josi é Joseane, mas eu Maitê não chamo ela assim. – O que vou dizer por hora é que são conhecidos hoje como mitos, a mitologia grega é riquíssima e achei importante falar dessas duas obras que são um marco dela. Mas devemos levar em conta que essas histórias também faziam parte da religiosidade dos gregos da época, mas vamos com

calma. Vou começar contando um pouco sobre a *Ilíada*, história sobre a guerra de Troia.

A professora pegou um *mapa mundi* e o colocou no prego acima do velho quadro negro, mas esse mapa era diferente, não tinha o costumeiro desenho de divisão dos continentes entre Europeu, Africano, Asiático, Americano e etc, esse último então não entraria nesse mapa mesmo, afinal era um mapa do antigo território de cidades que não existem mais, como Tróia.



Figura 1:Mapa-Grécia no século V a.c. Atlas histórico (1977). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=24652 (com modificações-Micenas e Tróia circuladas)⁴

⁴Imagem 1-Mapa-Grécia no século V a.c. Atlas histórico (1977). Disponível em:http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=24652. Acesso em: 10.11.18.

– Como vocês podem ver a Grécia da qual ouvimos falar hoje não é a mesma daquela época, a região era dividida em cidades-estados independentes uma das outras. Tróia teria ficado aqui nessa região que hoje corresponde à Turquia. Bom, essa tal guerra de Tróia é cercada de muito mistério, tudo começou... – A professora Mariana deu uma baixada no tom de voz, como se estivesse contando um segredo.– Quando o rei Príamo e sua esposa Hécuba tiveram mais um filho, eles já tinham outros, diga-se de passagem. Esse nascimento em especial mereceu uma previsão feita por sua irmã Cassandra, a qual tinha o dom da visão. A menina disse que ele seria o responsável pela destruição de Tróia. Porém ninguém acreditou em sua previsão, conforme era sua sina, ninguém acreditava nas previsões dela...

– Por que não professora? – Fiquei curiosa agora.

– Porque Maitê assim foi determinado seu destino, o deus Apolo lhe jogou uma maldição, para que ninguém acreditasse em suas previsões.

– Nossa que deus horrível, só porque eu achava legal ele ser o deus sol.

– Digamos que os deuses não eram lá muito legais, mas continuando ninguém acreditou nas previsões de Cassandra, mas sua mãe acabou tendo um sonho em que o via o filho como o grande destruidor de Tróia. A criança foi entregue para um casal de pastores que viviam afastados da cidade para assim se evitar esse destino, como se fosse possível.

– Como assim “como se fosse possível”?

Andreia, que eu sempre achei que vivia no mundo da lua, estava participando da aula, isso realmente era uma surpresa. Dei uma olhada rápida para trás e percebi que a turma estava bem atenta ao que a professora dizia.

– O destino é algo do qual não podemos fugir para os gregos antigos, se seu destino fosse ser rica, por exemplo, não havia nada que você pudesse fazer para impedir isso de ocorrer.

Eu comecei a rir, quem iria querer impedir esse tipo de destino? Acho que não fui a única a pensar isso, pois começou aquele burburinho dentro da sala.

– Shiiii...Vamos continuar com a história, o ponto é que o bebê foi criado por esse casal de pastores e deram o nome de Alexandre para a criança. Anos mais tarde aconteceu um grande e memorável casamento entre a deusa Tétis e o herói Peleu. Convidaram todos os deuses e deusas, menos uma, a deusa da discórdia Éris, ela então como vingança resolveu colocar sobre a mesa principal da festa uma maçã de ouro

muito chamativa com uma inscrição nela *''PARA A MAIS BELA''*. Três deusas avistaram a maçã e consideraram serem dignas de tal título, Hera deusa do casamento e da família, Afrodite deusa do amor e Atena deusa da sabedoria, diante tal disputa nenhum deus ou deusa quis se intrometer para dizer com qual delas a maçã deveria ficar, nem mesmo Zeus, deus dos céus e dos raios.

– Essa briga não foi meio besta? – Óbvio que a pergunta veio da Anahí, o que ela não achava besta?

– De certa forma pode até ser, mas como foi algo feito pela deusa da discórdia acho difícil, dado esse contexto, alguém não brigar. Seguindo com a história, Zeus então decide passar o fardo de tal decisão para um jovem, quem advinha que jovem foi esse?

– O tal Alexandre? – Ouvi Fernando perguntando lá do fundo.

– Sim o jovem Alexandre. Ele vivia uma vida por assim dizer pacata trabalhando como pastor e ao lado de uma jovem ninfa Enone. Vamos observar aqui uma imagem pintada por um pintor holandês do século XVII, Joachim Wtewael.



Figura 2: Julgamento de Páris do pintor Joaquim Wtewael. Disponível em:<[https://no.wikipedia.org/wiki/Fil:Joachim_Wtewael__The_Judgment_of_Paris_\(1615\).jpg](https://no.wikipedia.org/wiki/Fil:Joachim_Wtewael__The_Judgment_of_Paris_(1615).jpg)>⁵

⁵Figura 2: O Julgamento de Páris do pintor Joaquim Wtewael. Disponível em:<[https://no.wikipedia.org/wiki/Fil:Joachim_Wtewael__The_Judgment_of_Paris_\(1615\).jpg](https://no.wikipedia.org/wiki/Fil:Joachim_Wtewael__The_Judgment_of_Paris_(1615).jpg)>. Acesso em: 30.08.18.

A professora Mariane ligou o “data show”, não tinha nem percebido que ela tinha montado. A imagem que apareceu era, diga-se de passagem, bem colorida pro meu gosto.

– O que vocês estão vendo na imagem? Quero que vocês escrevam no caderno o que estão vendo no primeiro plano e depois o que está em segundo plano, ok?!

A professora começou a circular entre as mesas para responder as dúvidas dos colegas, bom eu sabia o que ela queria dizer com primeiro plano, que seria o que autor deu maior destaque dentro da obra, para que quando batêssemos o olho víssemos de primeira...Segundo plano seria o resto?

– Ei Josi, Josi... – Como ela estava falando com a Anahí tive que dar um cutucão nela.

– Ai Maitê!

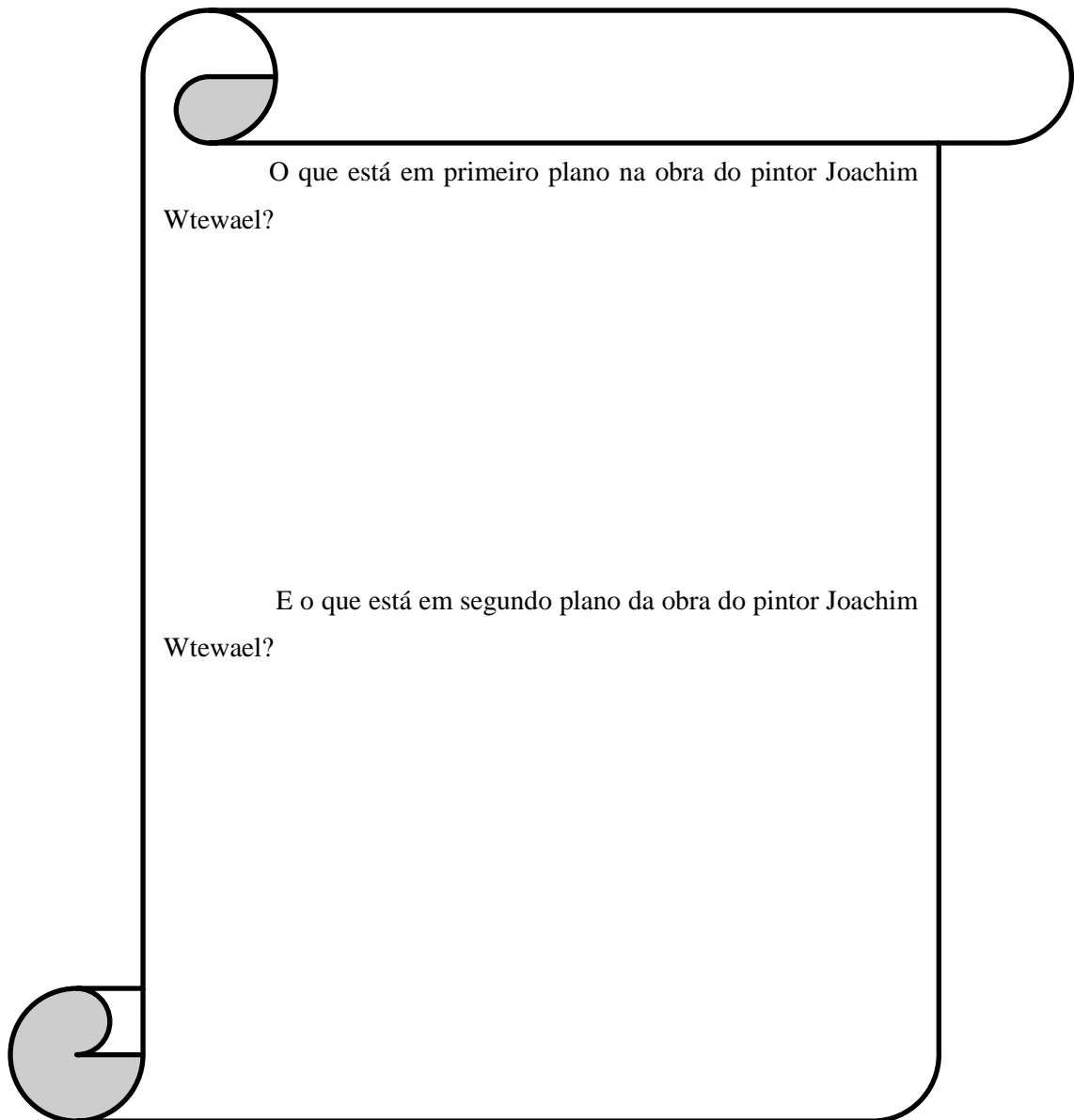
– Só te cutuquei, bom, deixa eu te perguntar... O que a professora quis dizer com segundo plano?

– São os outros aspectos da obra que não são centrais, que não estão em destaque, que você demora mais tempo pra observar dentro da obra. Entendeu?

– Acho que sim, é o resto que sobra depois de achar o que está em primeiro plano.

– Galera é válido tirar dúvidas com os colegas, mas vamos falar um pouco mais baixo. Se não atrapalha a concentração dos demais.

Virei-me pra frente e tentei responder o que a professora pediu e você que está lendo isso que tal participar também dessa atividade?



O que está em primeiro plano na obra do pintor Joachim Wtewael?

E o que está em segundo plano da obra do pintor Joachim Wtewael?

A folha do meu caderno é meio brega, eu sei, mas eu gosto de pergaminhos e do formato deles. Terminei a atividade e fiquei tentando acompanhar o que a Anahí e a Josi falavam, mas não parecia ser um assunto muito interessante, enquanto eu devaneava, a professora perguntou o que havíamos colocado nas respostas.

– Em primeiro plano eu acho que o pintor colocou as três deusas e o tal “Alexandre” em destaque e ele dando a maçã a uma delas, eu não consegui identificar para qual. Em segundo plano, eu diria que ele colocou a floresta, os animais e a festa dos deuses lá no fundo.

O bom de a Josi responder tão rápido é que eu pude ver que estava certa na análise da imagem, ponto pra mim, amigos!

– Sim Joseane, perfeito. Mas você disse que não sabe quem é a deusa pra quem ele entregou a maçã... Nenhum elemento próximo a que pega a maçã da mão de “Alexandre” te faz adivinhar qual é?

– Hummm esses anjinhos que parecem cupidos, no caso são cupidos... Então ele deu a maçã pra Afrodite?

– Sim, ele dá a maçã pra Afrodite. As três deusas quando aparecem para “Alexandre” para lhe pedir que escolha uma delas como a mais bela lhe prometem coisas diferentes. Afrodite lhe promete o amor da mulher mais bela do mundo, Atena lhe promete sabedoria e Hera lhe promete que ele seria o rei mais poderoso do mundo. – Não acredito que esse otário escolheu o amor da mulher mais bela do mundo em vez de uma das duas outras opções. – Bom, essa decisão de “Alexandre” muda o seu futuro e o de Tróia, Alexandre decide participar dos jogos da cidade, mesmo sua esposa Enone, a ninfa, dizendo que se ele fosse causaria discórdia entre parentes e se apaixonaria por outra mulher, na tal festa ele ganhou todos os jogos, inclusive de Heitor, filho do rei Príamo, ou seja, seu irmão.

Eu realmente estava vendo certa semelhança entre essa história e a das novelas mexicanas, quanto drama numa história só!

– O rei Príamo reconheceu seu filho, Alexandre descobriu sua verdadeira identidade, que ele na verdade era Páris, filho de Príamo e Hécuba rei e rainha de Tróia. E agora nós vamos fazer uma atividade em grupo...

– Mas professora, e a guerra? – Marcos fez a pergunta que estava na minha mente.

– Vai ficar pra próxima aula porque a gente só tem mais vinte minutos Marcos...

– Ahhhhh professoraaaaa...

– Na próxima sem falta gente! Agora vamos fazer os grupos de cinco alunos e fazer a atividade – ela colocou os outros três bonequinhos na mesa de frente para a turma, presumi ser Páris, Hécuba e o tal do rei Príamo. – Vamos formar os grupos!

Olhei para a Josi e já fui juntando minha carteira com a dela, claro que a Anahí ficou com a gente, para meu desprazer, mas tudo bem. Percebi que faltavam duas pessoas ainda, pensei em chamar a Paula pro nosso grupo, mas ela já estava se juntando com os amigos dela no fundo sala.

– Vou ficar com vocês, pode ser?

Fernando tinha se juntado a nós. Aff ninguém merece mesmo.

– Pode, claro!

Óbvio que a Josi deixou. Cadê a novidade? E ainda faltava mais um. Dei uma olhada ao redor da sala e percebi que o Igor estava sozinho. – Ei Igor! – Ele me olhou com cara de quem não estava muito afim, mas veio com aquele sorriso sem graça sentar com a gente.

– Você chamou essa besta pra sentar com a gente por quê?

– Primeiro que o Igor não é besta e segundo que ninguém te chamou pra sentar aqui também e você já veio de intrometido. – Dei meu sorrisinho sarcástico pro Fernando.

– Vocês já estão brigando eu heim!

– Olha Anahí a conversa não chegou a você.

– Também não precisa ser grossa garota.

Aquele tom de voz da Anahí me irrita. Mas como sempre Josi já foi apaziguando os ânimos.

– Gente calma, Igor pode ficar com a gente sim e Maitê para de brigar com todo mundo, não precisa disso.

– Agora a culpa é minha?

Peguei no automático a folha que a professora estava distribuindo entre os grupos e me concentrei em ler. Na verdade, já fui lendo logo em voz alta para que todos se inteirassem o que era pra fazer como atividade e parassem de me olhar com cara feia.

Centro de Ensino 3041

Professora: Mariane Ramos

Disciplina: Filosofia

Alunos:

Ilíada

Debatam e respondam as questões em grupo.

A)- Com base o relato contado pela professora Mariana, disserte sobre a importância das previsões para os gregos antigos, levando em conta o que ocorreu com Páris.

B)- Quais as três deusas que aparecem para Páris? Qual é o poder de cada uma delas? Que características psicológicas humanas vocês conseguem perceber nessas deusas?

Ficamos por volta de quinze minutos para fazer o exercício, fora o tempo que fiquei discutindo com a Anahí e o Fernando, acho que o Igor não gostou muito de fazer trabalho com a gente, mas como ter certeza se ele só falava quando alguém se dirigia direto a ele? O sinal tocou e tínhamos que ir pra próxima aula, advinha qual? Se você disse física, acertou em cheio! E levando em consideração que meu humor não era dos melhores nessa manhã de segunda-feira, não sei bem se teria tanta paciência.

CAPÍTULO 2-Josi

O humor da Mai não estava muito bom hoje. Ao chegarmos na aula de física o professor comentou o que a Maitê tinha falado em frente a sala da professora de filosofia que história seria melhor que física e claro que a Maitê não deixaria isso passar em branco. Às vezes eu queria que ela não fosse tão expansiva, pra não dizer estressada ou louca mesmo, mas isso só fazia com eu soubesse que ela era a amiga mais honesta que eu tinha, mentiras era algo que eu jamais esperaria dela.

Após os acessos de raiva da Maitê, a aula transcorreu muito bem e finalmente chegou o intervalo, ainda bem, porque eu estava morrendo de fome.

– Que tortura que foi essa aula vei! – Eu já disse que a Mai é bem dramática? Se não disse fica aqui registrado minha reclamação. – Eu literalmente odeio estudar vetores, não quero nem ver quando chegar nas leis de Newton.

– Só acho que você deveria parar de colocar tanto bloqueio mental, a gente mal começou o primeiro ano e você já tá reclamando?

– Reclamo mesmo, qual o sentido de aprender isso?

– O sentido talvez não esteja no fato de você aprender algo e já ir usando pra alguma atividade do dia a dia diretamente, mas no próprio exercício de aprendizagem, e querendo ou não, como eu já disse, estamos apenas no começo.

– Você é muito *nerd* Josi!

– Bom quem tá dizendo isso é você, não eu! Você viu pra onde a Anahí foi? Ia chamar ela pra lanchar com a gente.

– Sinceramente, não sei pra que, ela é insuportável.

Eu não consigo entender o motivo de a Maitê não gostar dela, a Anahí é uma pessoa incrível e não fez nada de mal pra ela, por que tanta implicância?

– A Anahí é gente boa, dá uma chance pra menina, vem vamos procurar ela!

– Ok, mas rápido, tô com fome!

A nossa escola não era muito grande, ficava bem no meio de uma quadra da Guariroba, perto da minha casa. Era só atravessar a rua e descer um pouco, talvez por isso sempre chame a Maitê para almoçar lá antes de ir pra casa. Basicamente a escola é dividida em seis blocos de salas centrais, cada um com cinco salas, um bloco ao fundo com a cantina e o refeitório, um bloco que fica em frente aos blocos de sala com coordenação, sala dos professores, direção, xerox e a secretaria. A biblioteca, meu lugar

favorito da escola, ficava logo na entrada e a quadra de esportes era meio estranha, ficava do outro lado de um muro que a separa de todos esses lugares que falei.

Para ser bem sincera, a escola está caindo aos pedaços, todas as grades, sim temos muitas grades nessa escola, estão enferrujada, as portas, as carteiras também não estão às mil maravilhas, pra não dizer que não estão se desfazendo dia após dia, se eu contar aqui sobre a pintura e o estado em que estão os banheiros, talvez eu te faça chorar e não é a minha intenção. Os laboratório de ciências e informática estavam desativados por falta de recursos há muito tempo, só para esclarecer.

O ponto é que procuramos a Anahí em todos os lugares, esses que citei e não a achamos, onde será que ela se meteu?

– Sinceramente que palhaçada, tô morrendo de fome e ainda tenho que ficar procurando aquela criatura?

– Maitê. Maitê menos né?

– Aff, onde será que ela se meteu? O intervalo já tá acabando.

Eu sou uma pessoa muito paciente, mas os acessos de raiva que a Maitê tem às vezes me tiram um pouco do sério. Felizmente, a Anahí vinha ao nosso encontro segurando um objeto brilhante, talvez fosse o sol batendo nele ou impressão minha.

– Meninas vocês não sabem o que eu encontrei!

– Não sabemos mesmo, não temos bola de cristal e nem vemos o futuro como as Sibilas.

– Você é muito engraçadinha Maitê. – Será que as duas iam começar a discutir de novo? Decidi intervir. – Ok Anahí o que você encontrou?

– Então eu fui ajudar a secretária da escola a Carmen a abrir o portão do estacionamento para que ela pudesse levar uma caixa do carro dela pra secretaria e perto do portão tem aquela árvore enorme, de repente quando eu fui entrado e fechando o portão isso aqui caiu bem na minha cabeça!

Ela mostrou o tal objeto brilhante, parecia uma bola, só que meio funda num determinado ponto. Eu peguei o objeto da sua mão e comecei a olhar, não era uma bola era uma maçã e dourada igual à que a professora contou da *Ilíada*.

– Gente, mas é idêntica à da história da professora! – Maitê pensou o mesmo que eu. – Mas será que é de ouro? Ou será que eu tô ficando louca e achando que parece e não tem nada haver?

– Não, apesar de achar que você não bate bem, não acho que seja o caso de você estar louca, parece muito com a tal maçã que a deusa da discórdia colocou na mesa da festa de casamento de Peleu e Tétis! E pior olhem de novo, olhem o que está escrito.

Eu e Mai olhamos de novo para a maçã no lado oposto a parte mais fundinha tinha uma inscrição “para a mais bela”, certo isso já estava ficando muito estranho.

– Anahí, mas você acha que isso caiu da árvore ou que alguém jogou isso em você?

– Bom, eu acho que caiu da árvore afinal eu estava bem embaixo dela, o que eu não entendo é como que ela parou lá? Se alguém colocou, porque eu nunca vi árvore dar maçãs de ouro!

– Se for ouro!

– Olha eu acho melhor guardarmos isso e depois da aula vermos o que é exatamente! – Eu não sabia muito o que pensar a respeito, a *Ilíada* é um mito nada do que a professora disse é real ou aconteceu e mesmo que fosse, como que aquilo teria vindo da Grécia pra Ceilândia...CALMA Josi, nada disso faz sentido, aquilo podia ser apenas uma brincadeira de alguém, aquela não era a maçã de ouro verdadeira que segundo a história teria causado a discórdia entre Atenas, Hera e Afrodite, era um truque de alguém, ou zoeira pra ver se alguém cai, apenas.

O sinal tocou e nós três voltamos pra sala de física, afinal tinha mais um horário, ficamos cochichando ainda algumas possibilidades do que seria aquele objeto, mas paramos quando o professor chegou. Dizer que foi difícil se concentrar nas aulas seguintes seria eufemismo, a maçã ficou na mochila da Anahí, Maitê fazia cada vez mais bico porque estava com o dobro do mau humor por não ter lanchado, mas eu já tinha dito a ela que ao terminar a aula almoçaríamos lá em casa, mas não resolveu muito o problema já que disse também que a Anahí iria almoçar com a gente. Já ouviu falar que paciência é uma virtude? Pois é.

Os três últimos horários de arrastaram, pra não dizer que passaram o mais lentamente possível e olha que eu estava sempre empolgada, sim eu adoro estudar, parece que quanto mais eu aprendo, mais coisa quero aprender, é uma forma que quando alimentada só cresce, ok não ria da minha metáfora. Claro, eu não passava meu tempo só estudando, amo ver séries assim como a Maitê, só que ela preferia novelas mexicanas, sim ela adora e eu prefiro assistir séries tipo *Grey's Anatomy* e *Scandal*.

Cada um com seu gosto, o problema era só decidir o que veríamos nas tardes de sábado quando geralmente nos reuníamos para ver alguma coisa.

Finalmente o sinal de saída tocou, eu, Maitê e Anahí fomos o mais depressa para a minha casa. Como minha mãe e meu pai trabalham, eu sempre ficava meio sozinha e a minha irmã só chegava a noite da faculdade, eu gostava de chamar a Maitê pra almoçar lá e agora a Anahí também.

– Eu tô parecendo um zumbi, meu estômago tá se contorcendo!

– Os dramas das novelas mexicanas estão começando a te afetar Mai.

– Você assiste novela mexicana? – A Anahí sentou do lado da Mai no sofá. –

Eu acho essas novelas meio sem nexos.

– Pois saiba que novelas mexicanas são ótimas e tem nexos sim, só tem que prestar atenção no enredo, minha querida.

– Talvez, mas você não me convence, inclusive diria que jamais imaginaria você assistindo essas coisas. – Pra ser sincera eu também me assustei quando ela disse que gostava, poxa Maitê “durona sou” assiste novelas mexicanas? Meio difícil de acreditar, mas depois que a vi maratonando “A Usurpadora”, eu não duvidei mais.

– Eu gosto de várias coisas que as pessoas nem desconfiam, afinal quem vê cara não vê coração.

– Que clichê.

– Pode ser clichê, mas é verdade. E aí gente, vamos comer ou não?

Fomos esquentar a comida, após o almoço, nos voltamos para o problema da maçã.

– Eu vou dizer o que penso a respeito disso, essa maçã só pode ter sido colocada em cima do galho e aí quando a Anahí abriu o portão, a maçã acabou caindo na cabeça dela, pois o portão pode ter encostado no galho, ou sei lá. – Sim essa era minha opinião sobre o assunto, nada, além disso, poderia ser verdade. – Agora quem foi e qual o motivo eu não sei, o que sei é que nem ouro isso deve ser.

– Eu concordo com você Josi, não tem o menor sentido achar que essa maçã seria a verdadeira maçã da história da *Ilíada* e nem que seja de ouro, o que até poderia ser, mas não é. – Maitê ainda se demorou olhando para a maçã como se tentasse se convencer do que ela acabou de falar.

– Eu não...Por que não poderia ser a maçã real?

– Porque não Anahí, isso não tem o menor sentido.

– Ok Maitê, sentido não tem, mas a coisa como um todo também não tem, afinal não sabemos como ela parou lá e nem se realmente foi uma pessoa que colocou.

– Então você acha que tem mais sentido essa maçã ter sido enviada pela própria deusa da discórdia? – Isso é uma coisa que não se passa pela minha cabeça mesmo, essa deusa não existe, é tudo mito.

– Olha a questão...

Alguém chamou meu nome no portão de casa, saí para olhar e vi que era o Fernando, a Maitê ia adorar, ou melhor se chatear ainda mais.

– Oi Josi, você esqueceu o seu caderno lá na escola, eu te chamei, mas acho que você nem escutou.

– Pô valeu Fernando! E eu estava com muita pressa nem reparei que tinha deixado ele embaixo da carteira. Quer entrar? A Maitê e a Anahí também estão aqui.

– Vou aceitar o convite pra não fazer desfeita.

O Fernando entrou, convidei-o porquê apesar de ele fazer algumas brincadeiras sem graça às vezes, era muito legal quando queria, como agora e ele é filho da pastora da igreja que frequento, já o conhecia a alguns anos, antes mesmo de estudarmos na mesma escola. Mas eu esperava sinceramente que as meninas tivessem um pouco de senso e guardassem a maçã, eu não tinha certeza se mais gente saber dessa história seria bom. Porém quando entramos na sala Anahí e Maitê estavam berrando uma com a outra.

– DEVOLVE ESSA MAÇÃ SUA RIDÍCULA!

– RIDÍCULA É VOCÊ SUA BOÇAL...

O que se seguiu depois, nem eu mesma consigo explicar, minha atitude na hora seria separar a briga e tentar colocar aquelas duas pra conversar, mas alguma coisa me dizia que eu deveria entrar na briga e conseguir a maçã só pra mim, afinal eu era a mais inteligente das duas, a melhor aluna da escola, melhores notas, comportamento, como que aquela maçã poderia ficar com elas?

Eu só sei que gritei com elas também e só consegui voltar totalmente ao normal depois que o Fernando, tendo caído três vezes empurrado por cada uma de nós escondeu a maçã e buscou na cozinha copos com água.

– Bom, no meu eu coloquei três quilos de açúcar pra ver se me acalmo depois de uma dessa! – Eu ri. O Fernando literalmente virou o copo de uma vez, acho que separar aquela briga foi um pouco traumático para ele.

– Gente eu não sei o que deu em mim, sério! – Maitê disse isso tentando arrumar o cabelo, acho que ela não ficaria muito feliz vendo o estado em que estava já que era meio fissurada nele.

– Tirando o fato que você me chamou de rolha de poço mil vezes...

– Primeiramente, eu não quis falar aquilo e, segundo, você me chamou de boçal mil vezes também, de qualquer forma eu peço desculpas Anahí.

– Sem problema, até porque eu não tenho nenhuma neura com o meu peso, não sou obesa, mas também não sou magra claramente, mas minha saúde é ótima e eu me amo do jeito que eu sou, isso que importa. Quanto a parte do boçal...Peço desculpas também, vei, a porcaria dessa maçã deixou a gente doida, literalmente!

– Eu acho que a gente tinha que jogar isso fora – eu estava literalmente muito assustada com tudo. – O que vocês acham que aconteceu? Tenho algumas teorias.

– Bom, eu acho que todo mundo aqui pode ter ficado doido, inclusive o Fernando que bebeu um copo de açúcar com água, convenhamos...

– Óbvio que eu tomei! Quase me quebraram na pancada, as três, inclusive. – Tenho que confessar que não consegui levar o drama dele a sério, parando para reparar, Fernando e Maitê são muito parecidos, mas isso fica entre nós, meu caro leitor. – Eu quase liguei pra polícia.

– E ia dizer o que? Nossa, tem três garotas aqui brigando por causa de uma maçã de ouro?

– Isso mesmo Maitê, aí depois quem seria mandado pro hospício seria eu.

– Tá, chega. Vamos focar no problema! – A gente precisava saber de onde aquela maçã tinha vindo, mas ao mesmo tempo eu me questionava se a pergunta importante a se fazer era essa mesmo ou se essa era a pergunta que a minha curiosidade estava interessada em saber.

– Sabe uma coisa que poderíamos fazer? Terminar de ler aquele mito que a professora estava contando hoje, talvez a gente ache uma resposta, ou, talvez não, mas não custa tentar não é mesmo? – Esse foi um dos comentários mais sensatos que já ouvi da Maitê.

Naquele momento como que por obra do destino, assim como os gregos também acreditavam no poder dele, mais uma pessoa chegou a minha casa.

– Josiiiiii!

Fui atender e era nada mais nada menos que o Igor. Mais tarde eu entenderia que tudo isso aconteceu para que nos reuníssemos, era necessário que nós cinco nos encontrássemos naquele dia e hora.

– Oi Igor – abri o portão e fiz sinal para ele entrar.

– Oi, bom eu sei que eu vim sem ser convidado, mas é que eu fiquei muito sem graça com o meu comportamento no grupo da aula de filosofia, quase não disse nada e como a gente mora na mesma rua pensei que não custava nada vir aqui me explicar.

– Não, pode ficar tranquilo, a gente sabe que você é tímido. Tá tudo bem, quer entrar pra tomar um suco? A Anahí, a Mai e o Fernando estão aqui também. – Como a maçã estava escondida, não vi problema nenhum o chamar pra entrar, o problema é que teria problema sim, mas eu ainda não sabia disso.

– Há ok, pode ser.

Quando eu e o Igor entramos tive certeza que nenhum dos três batia bem da cabeça ou aquela coisa, a maçã de ouro tinha muito poder sobre as pessoas, talvez as duas coisas, vai se saber. O Fernando estava com a maçã na mão bem na hora que entramos, ele tentou esconder, mas já era tarde, o Igor havia visto.

– VEI, você chamou ele pra entrar? Fala sério, desnecessário isso aí viu!

– Fernando guarde pra você os seus comentários. – Defendi o Igor porque não entendi a grosseria do Fernando, sério, que implicância idiota.

– Pra ser bem sincero, eu também não estava muito a fim de ver você Fernando, mas são coisas que acontecem mesmo sem a gente querer.

O Igor podia ser tímido, mas quando deixava a timidez de lado, dava umas respostas ótimas, pelo menos eu tô supondo que seja exatamente isso. Não pude perder a deixa e disse.

– Eita Fernando, bem feito, quem fala o que quer ouve o que não quer.

– Porém eu tenho uma dúvida, o que era aquela bola amarela que você estava segurando? – óbvio que o Igor viu, mas em meio a tanta coisa acontecendo eu pensei que ele poderia ter ignorado.

– Ai cara, agora todo mundo vai saber dessa coisa. – A Mai abaixou a cabeça e colocou as mãos na bochecha, eu disse que ela é meio dramática.

– Bom Igor, senta aí que a gente vai te contar do começo o que achamos que seja e como encontramos esse objeto.

Passamos bons quinze minutos contando a história de obtenção da maçã e as nossas ideias do que seria, em principal, que teria sido algo feito por alguém que queria pregar uma peça ou qualquer coisa do tipo. Mas eu ainda achava que estávamos fazendo a pergunta errada.

– Olha, eu acho que em vez de perguntar quem foi que colocou essa maçã na árvore, seja uma pessoa, uma deusa ou qualquer outro, ou outra, deveríamos nos perguntar qual o motivo de alguém ter feito isso.

– Ok, concordo nesse ponto, mas saber quem foi influi em saber o motivo, se realmente foi a deusa da discórdia, o motivo...

– É sério que você tá levando isso a sério Anahí? Uma deusa e da discórdia ainda por cima colocou essa maçã na árvore? Isso não existe, é só lenda, mito, enfim. – Maitê disse o que estava na minha mente naquele momento, eu não poderia acreditar numa loucura dessas qual o sentido?

– Você tem como provar que não foi?

– Não, mas...

– Então levemos essa consideração em conta.

– Anahí eu vou ter que concordar com a Maitê, isso não tem muito sentido, pelo menos pra mim não.

A Anahí me olhou com a expressão bem séria, acho que ela não gostou do que eu disse.

– O que é mito pra você?

Eu poderia responder prontamente, mas alguma coisa no modo como ela me perguntou me segurou. Estávamos estudando mito na aula de filosofia, mas a professora não tinha dado nenhum conceito específico do que seria. Mas mesmo assim não custa tentar dizer o que é.

– Mito é aquilo que não é verdade, é alguém inventado, apenas – eu poderia não ter falado o apenas, mas ok.

– Bom primeiro você tá afirmando duas coisas que a meu ver não tem tanta relação assim, dizer que algo não é verdade, não é necessariamente dizer que é mentira, só porque algo é inventado não implica que seja mentira. Os mitos são histórias, criadas caso você queira pensar assim, mas são narrativas racionais, só os seres humanos criam esse tipo de coisa, os animais, por exemplo, não fazem isso.

– Sim, mas não existe comprovação de que existiu, por exemplo, essas tais deusas que a professora comentou hoje da *Ilíada*.

– Você tem religião?

– E o que isso tem a ver com o que estamos falando?

– Só responda minha pergunta, sim ou não?

– Sim, claro.

– E provavelmente na sua religião existem divindades as quais você acredita e não necessariamente existem provas físicas e ou da ciência de que elas existem. Então a verdadeira questão aqui talvez não seja entender se acreditamos ou não que essas histórias sejam verdadeiras, mas que se acreditando que sim, por um momento, pensando dessa forma, o que significaria essa maçã? E a gente como você muito bem disse poderia olhar a *Ilíada* pra ver se encontra respostas.

Eu fiquei pensando no que a Anahí disse. Às vezes temos muita dificuldade de pensar sobre uma coisa quando a gente simplesmente nem ao menos quer levar em consideração o assunto.

– Bom, eu concordo com você, acho que o que importante agora é a gente tentar entender essa história primeiro.

Capítulo 3- Anahí

Talvez aquela fosse a primeira vez que eu tentava fazer uma pesquisa com tanta gente que gosta de falar, menos o Igor, se bem que hoje até mesmo ele tá falando pelos cotovelos. Na casa da Josi só tinha um computador, mas o Igor foi na casa dele que é perto e pegou o computador portátil, o qual a mãe dele deixou bem claro que se acontecesse algo com ele, o Igor ficaria de castigo um mês.

– A gente deveria procurar primeiro o que é mito pra depois olhar a *Ilíada*. – O Fernando é aquela pessoa que estava meio perdida naquele grupo, deve ser por isso que ele tentou quebrar o gelo falando isso, na verdade acho que todo mundo estava se sentindo assim, mas como já tinha estudado com ele antes, sabia que ele não gostava muito de ficar pesquisando, ainda mais se não fosse matemática e ou química.

– Eu penso o contrário deveríamos começar pela *Ilíada* mesmo e depois ver o que é mito. – Acho que a Maitê tinha alguma implicância pessoal com o Fernando.

– Ok, dona da razão eterna!

– Vei eu só tô dando uma sugestão, não é questão de ser dona da razão.

A Josi me olhou com uma cara muito engraçada, acho que pensamos o mesmo em relação a Maitê e o Fernando, mas tudo bem, isso não é importante agora. A gente achou a *Ilíada* em português na internet, o texto é todo em verso inclusive, dividimos então em duas partes eu, Josi e Igor vamos ler a primeira metade e Maitê e Fernando a segunda metade.

Cansativo seria pouco pra dizer como foi ler esse livro viu, o nosso vocabulário também é muito escasso, o que queríamos né? No todo, até que nós conseguimos entender, e decidimos após terminar, ir falando em voz alta a história para ver se havíamos entendido a ideia geral pelo menos.

– Bom, eu gostaria de dizer que esse Páris é meio burro né? Primeiro escolheu a Afrodite sendo que o que ela ofereceu, perto das outras opções era muito retardado. – Falei logo porque eu fiquei meio engasgada com essa história toda.

– Eu não acho que ele tenha sido burro, a Afrodite, como deusa do amor, deveria ser muito persuasiva na forma com que falava e ok, concordo que escolher a possibilidade de ficar com a mulher mais bonita do mundo não parece muito inteligente, mas a beleza é algo que seduz as pessoas.

– Depende do que você considera bonito. – Maitê rebatendo o Fernando, qual a novidade?

– Eu não vou dizer o que é beleza ou não é, até porque é difícil explicar essas coisas, mas talvez seja isso que esse mito traz que nós podemos ser seduzidos pela beleza.

Josi estava bem pensativa também

– Faz sentido, afinal depois de ele descobrir que era príncipe de Tróia ele quando viaja com o irmão pra selar a paz entre Esparta e Tróia, acaba levando Helena com ele na volta, que, segundo o mito, era muito, muito bonita, ou seja, ela era a mulher mais bonita do mundo, só que isso foi considerado um afronte para o Menelau, ele meio influenciado pelo irmão Agamenon iniciam uma guerra contra Tróia, com a ajuda de diversos reis de outras cidade, inclusive Ulisses, rei de Ítaca.

A Josi sempre explicava muito bem as coisas, o próximo que quis explicar foi o Igor.

– O interessante é que depois de iniciada essa guerra, eles passaram dez anos tentando invadir a cidade, que tinha fortes muralhas. Eles só vão conseguir no final, com a ideia do Ulisses, que era dito mais esperto rei da época, de construir um cavalo de madeira e encher ele de soldados, enquanto eles fingiam que eles haviam desistido da guerra, levando os navios pra longe. E foi o que ocorreu, eles fazem o cavalo e no outro dia, à noite, os troianos veem aquilo como um presente e acham que a guerra havia terminado.

– Porem não tinha. – Completei.

– Exato não tinha. Os troianos fazem aquela festa gigante e quebram a muralha pro cavalo poder entrar e a noite deu no que deu, após a festa, todo mundo caído no sono profundo, os soldados aproveitaram e saíram de dentro do cavalo e começaram a matança.

– Igor adorei ver que você efetivamente fala, mas vocês três poderiam ter deixado a gente falar, já que a segunda parte era nossa. – Eu sabia que a Maitê reclamaria. – Bom, acho que vocês estão se esquecendo de um personagem importante, o Aquiles, o melhor guerreiro grego, que acaba morto no final com uma flecha no calcanhar.

– O que eu queria saber é porque no calcanhar...

– Bom, pelo que eu já ouvi falar é porque a mãe do Aquiles que era uma deusa, a Tétis, o mergulhou no rio Estige, só que ela fez isso segurando ele pelo calcanhar, então o moço tinha o corpo todo protegido, menos os pés. A lenda conta que quando mergulhado nesse rio, você fica indestrutível, por assim dizer, é um dos rios do Tártaro, o mundo inferior.

– Depois diz que não é inteligente, não é mesmo dona Maitê?

– Não tanto quando você Josi, eu aprendi isso lendo Percy Jackson. Inclusive tem referências a *Ilíada* também lá.

Nós já tínhamos uma ideia geral da história, mas não tínhamos muita certeza do que pensar sobre a maçã de ouro.

– Eu acho que tenho uma ideia do que é essa maçã ou do porque isso aconteceu. – A Josi falou isso alto o suficiente pra me tirar dos meus devaneios, pensei em até colocar uma música da Beyoncé pra animar um pouco. – Primeiro ponto: a maçã caiu da árvore lá da escola, se por obra dos deuses ou deusas eu não sei, mas não acho que seja uma coisa qualquer, nós três, Maitê, Anahí e eu brigamos por culpa dela, do mesmo jeito que Afrodite, Atena e Hera, nós três somos tão diferentes como as três eram e algo naquela maçã deixou a gente desse jeito. Parecia um poder muito forte.

Josi terminou de falar e ficou segurando o pingente do colar que ela sempre levava no pescoço, a palavra “love”, eu achava meio brega, mas cada um com seu gosto. O X da questão é que eu concordava com ela.

– Então quer dizer que essa maçã seria mesmo a maçã do mito da *Ilíada*? E a deusa da discórdia teria deixado isso pra gente?

– Sim Fernando! – disse Josi calmamente.

– Hummmm e quanto vocês beberam pra pensar isso? Porque eu sinceramente não acredito muito nisso.

– É a única teoria que tem sentido, se encaixa, vai saber pelo sim e pelo não, vamos arriscar. – A Maitê sendo gentil com o Fernando era novidade.

– A gente podia agora procurar as características dos mitos...

– Sim verdade! – O Igor estava bem focado na história pra quem não sabia de tudo desde o começo.

Passamos meia hora tentando achar coisas sobre mitos, o primeiro ponto que percebemos é que mitos existem em todas as culturas, ou pelo menos na maior parte delas. Aqui no Brasil, por exemplo, temos os mitos sobre a sereia Iara, a Mula sem

Cabeça...Isso não é algo que só os gregos têm, mas especificamente falando deles, devemos levar em consideração o que a professora Mariane explicou, de que eles acreditavam nessas histórias, elas faziam parte da religiosidade dos gregos antigos da época.

Para entender melhor outras perspectivas, procuramos outros mitos para lermos, tanto brasileiros quanto de outros países e você, caríssimo leitor, poderia nos ajudar.

----- -----	Título do Mito	De qual país e ou região do Brasil é esse mito?	Enredo	Qual mensagem, ideia, você acha que esse mito quer passar?
Mito 1				
Mito 2				

Capítulo 4 - Fernando

Saímos da casa da Josi já às sete horas da noite. Talvez eu não levasse uma bronca da minha mãe por chegar tarde e não ter avisado que iria para outro lugar depois da escola, mas só talvez mesmo, porque o mesmo provável é que, sim, eu levaria uma bronca. O bom é que eu morava na quadra ao lado da que a Josi morava então não demorei tanto pra chegar em casa depois que saí de lá.

Minha mãe é uma mulher de personalidade muito forte, admiro muito ela por isso, mas digamos que às vezes discordamos de alguns assuntos e discordo de algumas atitudes que ela tem. Ela, por ser pastora, tem muitas responsabilidades, tanto nas atividades específicas que ela deve cumprir, como também nas posturas morais.

Quando eu cheguei em casa, a minha mãe já estava me esperando.

– Fernando por que você não atendeu quando eu te liguei?

– Porque eu fui deixar o caderno da Josi na casa dela e acabou que eu e os outros colegas ficamos conversando mãe!

– Pois é, mas fiquei preocupada, isso é muita falta de responsabilidade. E eu estava precisando conversar com você, não repita isso.

Ainda bem que ela não me pôs de castigo, dessa vez foi só um leve puxão de orelha.

– Ok, pode deixar.

– E tem outra coisa que eu queria conversar com você. Lá na igreja estamos precisando de alguém pra liderar o grupo jovem e estava pensando se você não poderia fazer isso, seria ótimo, inclusive.

– Eu não sei se eu quero fazer isso. Tem muita coisa da escola e...

– Seria um ótimo motivo para você voltar a frequentar os cultos, já faz um ano que você não vai.

– Eu não tenho vontade de ir.

– Mas você precisa voltar a ficar perto de Deus, você está se deixando levar pelas coisas mundanas Fernando, deve ser má influência de algum colega com quem você está andando – para minha mãe sempre que eu fazia algo que a desagradasse, era por influência de alguém. – Todo mundo pergunta por você nos cultos de domingo, acho que pedirei pra Josi falar com você para ver se você abre o olho.

– Mãe, eu não vou para a igreja porque não quero ir, ninguém tá colocando nada na minha cabeça e nem adianta falar com a Josi, não vou e pronto! – Acho que dei ênfase demais nesse final.

– Vou orar mais por você, acho que é isso que está faltando.

Dizer que ela me deixou falando sozinho era eufemismo. Será que ela não conseguia entender que eu precisava de um pouco de espaço? Meu pai morreu faz um ano e meio, no começo, eu ia ao culto após a morte dele, mas depois eu percebi que nada daquilo tinha sentido pra mim. Eu não sentia a mínima vontade de estar ali, tudo lembrava meu pai, absolutamente tudo, e eu ainda estava tentando me acostumar.

Bom, levando em consideração o dia de hoje, em que achamos a maçã de ouro de uma história maluca, eu não duvidava da existência de Deus ou de qualquer outra divindade, as questões eram muito mais uma relação pessoal com aquilo tudo do que qualquer outra coisa. Já que eu ia ter que fazer um miojo pra comer, resolvi encher um pouco a paciência da Maitê, mandei setenta “gifs” zoando o time que ela torce, acho que ela se irrita com as brincadeiras que eu faço, acho não, eu tenho certeza, mas era divertido.

Quando eu fui dormir lembrei que tinha dever de português, mas sinceramente eu não faço deveres de casa, pra que isso? Talvez, se tivesse feito eu teria evitado o pesadelo que tive se é que foi pesadelo mesmo. Sabe quando você tá dormindo profundamente e de repente uma mão puxa o seu pé? Não? Pois é, nem queira saber.

– acorde Fernando! Fernando acorde!

Levei um susto com aquela mulher parada no pé da minha cama, ainda mais por ela estar com uma coruja no ombro.

– QUEM É VOCÊ? E O QUE TÁ FAZENDO NO MEU QUARTO?
MÃEEEE TEM UMA MULHER ESTRANHA NO MEU QUARTO!

– Fernando escute...

– SOCORROOOOO...

Ela fez um movimento rápido com a mão eu cai na cama e fiquei mais calado do que um peixe de aquário.

– Agora escute, pare de gritar, porque sua mãe está dormindo profundamente e porque eu não sou nenhum monstro para você, jovem, gritar desse jeito, entendeu?

Enquanto ela falava, se aproximava mais de mim, estava usando um lençol enfeitado ou pelo menos foi isso que achei, podia ser um vestido também, branco e com alguns detalhes em ouro, só podia ser uma certa deusa. Engoli seco e disse.

– Você é aquela tal deusa da discórdia ou só uma mulher louca que invade casas a noite?

Ela esboçou um sorriso, acho que morrer mesmo eu não vou, mas talvez saia um pouco machucado dessa, vai saber.

– Não, não sou a deusa da discórdia e tão pouco sou mortal.

– Ok, ok – foi a única coisa que eu consegui dizer, primeiro eu estava morrendo de medo e segundo eu estava morrendo de medo mesmo. Afinal, não era todo dia que aparecia uma mulher no meu quarto dizendo que era uma deusa e com poderes mágicos.

– Agora escute Fernando eu vi que você mais aquelas três meninas e o garotinho do cabelo bonito acharam a maçã criada pela deusa da discórdia e agora vocês precisam tentar abri-la para encontrar a pista da missão de vocês.

Fala sério que espécie de loucura era essa que eu estava tendo?

– Minha senhora, tá tarde e, sinceramente, eu não tenho a menor ideia do que a senhora está falando!

Ela se sentou na minha cama e eu encolhi meu pé pra não correr o risco de ela querer arrancar fora, vai saber.

– Vocês estão com uma maçã de ouro não estão?

– Sim, mas...

– Então, como ousa dizer pra deusa da sabedoria que não sabe do que estou falando? – As palavras dela me fizeram ficar com mais medo, dava pra sentir o poder que emanava dela. Se eu tinha alguma dúvida de que aquela era a deusa Atena elas acabaram na hora.

– Eu não estou ousando nada. Apenas estou dizendo, ou querendo dizer, que não estou vendo nenhum sentido nessa história.

– Sentido, vocês mortais sempre querem um sentido. O ponto é que vocês precisam abrir a maçã, pegar a pista e chegar no próximo passo da missão, agora não posso falar muito, tenho que ir.

– Ir para onde?

– Para o olimpo, lembre-se crises de fé são normais, mas você precisa acreditar pelo menos em si mesmo para poder seguir em frente.

Em um piscar de olhos ela não estava mais lá, mas antes de ir sua coruja piou tão alto que a rua toda deve ter escutado. O pior disso tudo é que acordei assustado com o despertador tocando e babando no travesseiro. Já era hora de ir pra escola e eu não conseguia saber se aquilo tinha sido um sonho, alucinação ou pior realidade.

Me arrumei e fui tomar café, minha mãe sempre levantava mais cedo do que eu para preparar as coisas e orar. Eu admirava a fé da minha mãe e principalmente tudo aquilo que ela construiu sozinha, a igreja era a vida dela e ela ergueu tijolo por tijolo com muito esforço, na época meu pai não ajudou muito nessa empreitada, então ela fez tudo sozinha.

– Bom dia, ontem à noite eu ouvi um barulho estranho vindo do seu quarto Fernando.

Então realmente não foi sonho.

– Que barulho?

– Um pio de coruja.

Eu engoli seco e disse.

– Eu tava vendo um vídeo e coloquei alto demais o volume – mentir pra mim era algo terrível, mas eu precisava, afinal eu ia falar o que? Mãe tinha uma deusa no meu quarto? Até parece né.

– Não quero você usando celular de madrugada, depois fica com sono na aula e não sabe o motivo.

– Tudo bem mãe, não vou mais usar o celular de madrugada.

Minha mãe me deu um beijo na cabeça e saiu pra arrumar as coisas na papelaria em que ela é dona. Eu engoli logo o café, tinha que chegar cedo pra contar pra Josi, Anahí, Maitê e Igor o meu sonho de ontem à noite, porém mal sabia eu que me atrasaria bastante.

Capítulo 5-Igor

Se eu continuar passando a noite vendo filme, ia precisar tomar uma garrafa toda de café pra ficar acordado na aula. Hoje especificamente levantar da cama está sendo um martírio, o despertador tocou, mas eu desliguei meio acordado meio dormindo e quando vi já estava atrasado pra aula. Minha avó já estava entrando no quarto me gritando quando eu terminava de calçar o tênis.

– Igor já pra escola menino! Tá dormindo mais que a cama ultimamente heim!

– Calma vó já estou indo, relaxa.

– Calma nada, vai pra escola, demorou tanto que vai ter que levar o café na mão mesmo.

Minha avó era um doce, menos quando eu acordava atrasado pra eu ir pra escola, ultimamente toda manhã ela ficava de mau humor. Eu peguei a mochila, a chave e o pão com manteiga que ela me ofereceu antes de sair, ainda bem que eu morava perto da escola e não chegaria tão atrasado assim.

Pensei em passar na casa da Josi, mas achei que ela já havia saído para ir para a aula, então segui reto passando pela frente da casa dela. Assim que saí da rua e virava a esquina para poder atravessar e chegar do outro lado aconteceu uma das coisas mais loucas da minha vida. Fernando estava brigando com um cara gigante, gigante? Parecia que ele tinha passado a vida dentro de uma academia ou alguma coisa do tipo. Ok, eu estava meio apavorado, não gostava de ver, nem estar perto desse tipo de coisa, mas o Fernando estava levando uma surra feia do grandalhão.

– EI, SOLTA ELE! SE NÃO EU CHAMO A POLÍCIA!

O olhar que recebi de volta daquele cara enorme não era humano. Sério não é metáfora, os olhos deles não só eram negros, totalmente negros, como também não tinham pálpebras. Não vou mentir, quero sair correndo, quero muito.

– Acha mesmo que eu, Ares, um deus, vou obedecer as ordens de um mortalzinho?

– Ares? O deus grego da guerra? – quando que a gente entrou dentro do livro do Percy Jackson? Porque eu gostaria de ter sido avisado.

– Sim e eu estou tendo uma conversinha aqui com seu amigo Fernando.

Eu não diria que ele está tendo uma “conversinha”, já que segurava o Fernando numa chave de pescoço da qual ele tentava se soltar. Ok, como diabos eu ia soltar ele dali?

– Então senhor deus da guerra, Ares, será que dá pra soltar ele? Só acho que essa “conversinha” está machucando um pouco.

– Só vou soltar quando me entregarem a maçã de ouro. – a maçã, claro tinha que ser, mas ela tinha ficado com a Josi e não comigo, então eu podia esquecer esse negócio de tentar trocar a maçã pela vida do Fernando, convenhamos, aquele deus, se é que ele era mesmo o deus da guerra, não estava de brincadeira.

– Olha senhor, a maçã não está com a gente, mas a gente pode te entregar depois.

– ENTREGAR DEPOIS?

Foi nessa hora que ele soltou o Fernando e veio pra cima de mim. O soco que ele desferiu no meu estômago me fez perder o fôlego e também a visão de tão forte que foi. Só sei que depois eu e Fernando estávamos no chão, um monte de gente estava ao nosso redor e alguém dizia que iria chamar a polícia. Eu tentei levantar, estava meio cambaleante, Fernando já tinha levantado e estava sentado no meio-fio, ele estava bem mais machucado que eu, não tinha ideia de quanto tempo ele tinha ficado lutando com Ares. Eu sentei do lado dele e foi nessa hora que eu vi a professora Mariane correndo até a gente.

– O que houve aqui? Vamos os dois pra dentro da escola e vocês, os que são alunos, claro, pra dentro também.

Eu e o Fernando levantamos e fomos pra dentro da escola. A professora Mariane nos levou até a sala dos professores, ela entregou pro Fernando um pouco de gelo para ele colocar no olho.

– E aí? O que foi isso? Vocês estavam brigando?

– Não professora, quer dizer sim. Mas não eu e o Igor, eu e ele estávamos apanhando de um cara enorme. – o Fernando finalmente falou alguma coisa, já estava ficando preocupado de ele não estar falando nada.

– Cara enorme? Expliquem-me essa história direito!

Eu e Fernando começamos a contar a história desde a parte que a Anahí encontrou a maçã, contamos da nossa reunião na casa da Josi. O Fernando contou até de um sonho louco que ele teve com a deusa Atena, do qual eu iria querer detalhes depois.

E eu terminei contando para a professora Mariane como foi nossa briga com o deus Ares e a surra que ele deu na gente. Mesmo ouvindo toda essa loucura ela continuou com a expressão serena e calma, como conseguia isso eu não sei.

– Vocês sabem que se contarem essa história por aí as pessoas vão achar que vocês são loucos. Porém eu acredito e acredito porque já passei pelo mesmo que vocês estão passando, não da mesma forma, mas já me encontrei uma vez com a deusa Atena também.

– É sério isso ou a senhora está de zoa com a nossa cara? – falei sem pensar, mas afinal a gente tinha que saber se ela estava levando a sério o que estávamos falando.

– Sim Igor, estou falando sério!

– Eu entendo a desconfiança do Igor professora, afinal tudo isso não tem sentido nenhum...

– Acho que vocês terão que começar a aceitar que tem sim ou então não conseguirão resolver todo esse mistério com a maçã. Há vários caminhos que se podem percorrer na filosofia e acho que o de vocês começou assim.

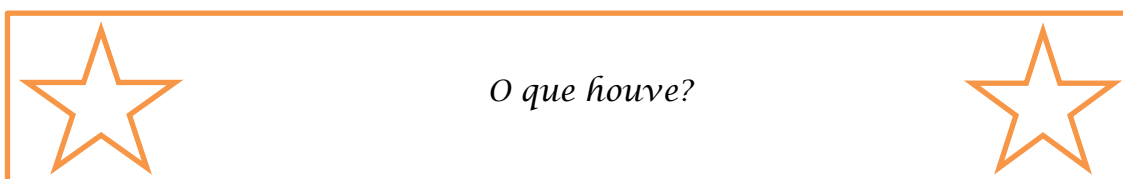
– A senhora está muito misteriosa, tem alguma coisa que não está contando pra gente?

Ela não respondeu a minha pergunta, apenas ficou nos fitando com aqueles olhos castanhos.

– No final da aula venham até aqui para vermos o que faremos com a maçã, tudo bem?

– Tudo bem, como a senhora quiser – Fernando foi meio seco na resposta, eu e ele nos levantamos e fomos para a aula de biologia que já estava no segundo horário, pois a aula era dupla.

Eu me sentei no fundo da sala como de costume e o Fernando foi pro lugar dele de sempre mais no canto, Anahí, Josi e Maitê olharam pra gente com olhos interrogativos querendo saber o que tinha acontecido. Fiz sinal com a mão de que depois contaria o que tinha acontecido, mas cinco minutos depois recebi uma folha de caderno da Anahí.



Decidi não responder e guardei a folha, se o professora de biologia por um acaso pegasse, iria fazer um estardalhaço daqueles e dar bronca em todo mundo. Melhor evitar esse tipo de situação. Mas a Anahí não gostou nada disso, me olhou com um olhar de fúria e virou pra frente. Ok, no intervalo Fernando e eu contaríamos o que aconteceu e ficaria tudo bem.

Após o horário de biologia a gente tinha aula de educação física, o que pra mim era uma tortura completa. Ao tocar o sinal eu fui colocando as coisas na mochila e não vi que Maitê, Josi e Anahí estavam ao meu redor.

– E aí Igor o que aconteceu? A gente só ficou sabendo que você e o Fernando brigaram.

– Gente é melhor eu contar depois, cadê o Fernando por falar nisso?

– É aula de educação física esqueceu? Ele é o primeiro a sair da sala e o primeiro a chegar na quadra. – Josi era a única que parecia ter aceitado minha decisão de contar o que tinha ocorrido só no intervalo, porque Maitê e Anahí não pareciam nada satisfeitas.

Saímos da sala e fomos para quadra que ficava depois de um muro que por sorte do destino ainda não tinha caído porque se dependesse da estrutura, já tinha desmoronado há muito tempo. Eu nunca ia para a aula de educação física com a bermuda que o professor insistia que a gente usasse, coisa que acabava me resultando em uma costumeira bronca do professor João, era uma forma de evitar que ele me colocasse pra jogar, principalmente nesse semestre que estávamos estudando vôlei e ginástica, sim você leu certo, ginástica! Os melhores da nossa turma nos esportes eram o Fernando e a Maitê. Ela e o Fernando irão até participar na semana que vem de uma competição de corrida representando a escola, o professor João fez questão de repetir isso quatro vezes no começo da aula, pra ter certeza de que a gente não iria esquecer de prestigiar a escola.

Depois dessa conversa motivadora, ele dividiu a gente para formar os times de vôlei, as meninas ficaram do lado esquerdo e os meninos do lado direito da quadra. Eu fiquei no time de colete e tentei ficar o mais distante de todo mundo, pra não correr o risco de cair e nem acabar batendo o braço em ninguém. O pessoal da sala já sabia que eu não gostava muito de jogar então não passavam a bola pra mim, enquanto isso fiquei observando as meninas jogarem. Anahí tentava ficar atenta ao jogo, dava pra ver que ela gostava de jogar vôlei, Josi não parecia muito a vontade, mas quando a bola vinha

ela até rebatia bem, mas nada se comparava ao modo como a Maitê se movia em quadra, sério dava pra ver que ela tinha um dom pra coisa, coordenação motora impecável. Olhando pra ela percebi que ela e o Fernando jogavam muito parecidos, os dois jogavam muito bem.

– IGOR PARTICIPA DO JOGO GAROTO, BORA!

Eu levei um susto tão grande, mas consegui perceber a bola vindo na minha direção, antes que ela batesse na minha cabeça, tentei fazer uma manchete que vou deixar registrado aqui que foi muito bem executada. Pelo menos a bola foi pro outro lado da rede o que já era um começo. O sinal do intervalo tocou bem na hora então não tive que ouvir mais nenhum grito do professor, mas depois do intervalo teríamos mais um horário de educação física, então era melhor não ficar muito feliz não.

Josi e Anahí vieram correndo falar comigo, Maitê se atrasou um pouco, pois foi falar com o professor e logo em seguida Fernando se juntou a nós. Enquanto a gente foi indo pra fila do lanche eu e Fernando contamos o que tinha acontecido na porta da escola. Não sabia do começo da história de como o Ares tinha abordado o Fernando, então nessa parte fiquei calado. As caras que a Josi fez me deram vontade de rir, mas me segurei, afinal aquela história não tinha nada de engraçada, como bem podíamos ver no hematoma que eu tinha na barriga e a bochecha inchada do Fernando.

Capítulo 6- Maitê

Que história mais maluca era aquela que o Fernando e o Igor nos contaram, vei? Eu sinceramente não sei como paramos nessa loucura toda. Devia ser karma ou alguma coisa do tipo, estávamos sendo perseguidos por mitos gregos do tempo que Judas perdeu as botas, aliás mais antigo que isso ainda e tendo encontros com deuses malucos do Olimpo, fala sério.

– Eu acho que a gente deveria ir agora na professora Mariane e pedir pra ela ficar com a maçã, afinal ela não disse que conhece a deusa Atena? Então ela que fique com a maçã e se resolva com a amiga dela.

– Maitê a questão não é tão fácil assim, do jeito que ela falou, parecia que a missão, se é que podemos chamar assim é nossa, não dá pra transferir ou jogar para outra pessoa, percebi isso tanto na fala da professora Mariane quanto na da deusa Atena, no sonho ou visão que tive dela ontem. – Fernando tinha razão nisso que ele acabou de dizer, mas orgulhosa que sou, apenas revirei os olhos como quem discorda.

– Maitê o Fernando tem razão, a gente no final da aula vai até a sala dos professores e conversa com ela e lá tentamos ver como resolver toda essa questão.

– Josi, a sensata do grupo. – Anahí e Igor disseram isso junto.

– Ok, vamos fazer do jeito de vocês.

Voltamos pra aula de educação física, era uma das minhas matérias favoritas, depois de história, sempre tive facilidade com esportes de maneira geral, vôlei era sem dúvida um dos que eu mais gostava. Quando chegamos na quadra o professor propôs que nos dividíssemos em três grupos e eu, o Fernando e ele deveríamos ficar cada um com um, para ensinar os demais a sacar, o que foi ótimo, afinal a gente ficou no grupo do Igor, da Anahí e da Josi.

– Vamo Igor, hoje você aprende a jogar vôlei!

– Tá bom, se a “senhora” diz, dona Maitê!

Eu sorri, o Igor era muito gente boa afinal, se tinha algo bom naquela história toda é que eu sentia que nosso grupo tinha uma amizade forte agora. A aula passou voando pelo menos pra mim, porque a cara que Igor, Anahí e Josi fizeram quando acabou foi de profundo alívio.

Ajudamos o professor João a guardar a rede de vôlei e fomos para a próxima aula que era de língua portuguesa, com a professora Márcia. Todo mundo sempre ia muito animado pra aula dela, era sem dúvida a professora mais querida do primeiro ano

porque além de explicar muito bem o conteúdo, ela sempre que necessário nos dava conselhos, incentivava nossos sonhos, por mais ambiciosos que fossem, dava pra ver que era de verdade, ela não fingia que incentivava a gente só por incentivar, na verdade ela e a professora de arte, professora Paula eram as que mais nos incentivavam. Parando pra pensar, era difícil escolher qual professora era a mais querida, a professora Paula é uma mulher forte, culta, muito educada, inspiradora eu diria, difícil demais escolher entre a Márcia e a Paula; e ainda tinha a professora Mariane, fica aí meu top três de professoras maravilhosas então.

Como sempre as aulas de língua portuguesa passaram voando. Mas tínhamos muito que resolver ainda e eu não tava conseguindo me concentrar na aula, toda hora olhava para o relógio de pulso da Josi pra ver quanto faltava para o final da aula. Finalmente o sinal tocou e fomos os cinco até a sala dos professores esperar a professora Mariane chegar.

– O que será que ela vai nos dizer heim? – perguntei meio sem voz.

– Bom, ela pareceu saber muita coisa quando falou comigo e o Igor mais cedo, parecia que estava escondendo algo inclusive.

– Também tive essa impressão Fernando! Eu acho que a professora Mariane está escondendo algo.

– Bom de qualquer forma...

– Vamos entrando galera! – a professora Mariane chegou e já foi nos empurrando pra dentro da sala dos professores que já estava vazia naquela altura do dia.

Nos sentamos de frente pra ela e a Anahí tirou a maçã da mochila, nesse momento eu reparei que tinha algo estranho com ela, estava mais brilhante, dava pra ver nossos rostos refletidos nela.

– Me deixe ver a maçã Anahí.

Anahí entregou a maçã para a professora Mariane que a examinou com olhos de águia, muito severos e atentos.

– Sim, essa é a maçã verdadeira.

– Como a senhora sabe? – Josi perguntou meio desconfiada, percebi no tom de voz dela.

– Porque eu já a vi antes, há muitos anos atrás...Quando eu também fui abordada por Atena, como o Fernando aqui presente.

– É, mas eu sonhei professora, eu não a...

– Ela apareceu no seu quarto de verdade Fernando e ela não estava brincando quando disse que vocês tem que abrir essa maçã e que tem que seguir essa missão até onde ela leve vocês, vocês foram escolhidos.

– Escolhidos? Escolhidos para fazer o que? – perguntei meio grosseiramente porque eu não estava gostando nada, nada daquela história.

– Escolhidos pela filosofia, para seguir esse caminho.

– Ok, mas como assim seguir esse caminho? Ninguém aqui quer ser filósofo, pelo menos eu não quero professora.

O Igor conseguiu definir bem o que eu estava pensando, eu não tinha pensado em ser filósofa não e acho que nenhum de nós.

– Nem todo mundo que percorre o caminho da filosofia vai ser filósofo. A gente ainda não chegou a ver nenhum e nem nenhuma filósofa propriamente dita, estamos ainda no mito, como vocês bem sabem.

– Literalmente estamos no mito, os deuses gregos perseguindo a gente, maçãs de ouro aparecendo...

– Sim Fernando, literalmente vocês estão vivendo o mito, mas não achem que isso tudo é uma grande loucura, os mitos são narrativas racionais tanto quanto tratados, ensaios, teses e etc. Mas agora vamos tentar abrir essa maçã e ver qual o próximo passo.

Eu não tinha ideia de como iríamos abrir aquela maçã. Ela parecia inteiramente fechada, sem nenhuma brecha, se tivesse algo dentro, estava realente muito bem guardado. Mas olhando bem, a maçã tinha algo perto do furinho dela em cima que parecia uma inscrição, mas nós não tínhamos reparado nela quando a achamos. Peguei a maçã de cima da mesa e fiquei olhando. Sim, em cima, perto da pequena depressão da maçã, tinha uma frase inscrita em círculo, bem pequena, mas colocando de frente para a luz, dava pra ler muito bem.

Estava escrito, numa letra meio garranchosa, a seguinte frase, “imagina homens numa morada subterrânea”. O que diabo aquilo significava?

– Professora, tem algo escrito aqui em cima da maçã.

– Deixe-me ver – ela pegou a maçã e se demorou algum tempo a olhando, até que se levantou foi, até o armário dela, e pego um livro de capa azul escura, tinha um desenho de um homem e um nome embaixo, Platão e seguido de “A República”. Eu já tinha ouvido falar daquele cara, era um filósofo grego ou algo assim.

– Essa inscrição que está na maçã está no capítulo sete da *República de Platão*. Platão foi um grande filósofo grego, ele escrevia em forma de diálogos, e nunca aparecia neles, diga-se de passagem. – enquanto ela falava, passava as páginas freneticamente procurando a tal inscrição.

– Ele não era discípulo do Sócrates, que também foi um filósofo grego?

– Sim, exato Anahí. Pelo visto alguém já estava lendo algo de filosofia antes mesmo de chegarmos nesses filósofos.

Anahí corou mais do que a blusa de frio vermelha que ela costumava usar. Anahí era uma sabe-tudo, qual a novidade ela ter lido algo desses caras antes mesmo das aulas começarem?

– Achei, aqui está!

Josi, Igor, Fernando, Anahí e eu nos inclinamos sobre a mesa para ver melhor o livro. As páginas estavam amareladas, mas deu pra ver bem que numa indicação de fala do Sócrates estava escrito o mesmo que na maçã de ouro. Mas o que aquilo significava?

– Bom, como vocês podem ver isso aqui foi dito por Sócrates. Ele disse isso enquanto explicava a Glauco sobre a “alegoria da caverna” ou “mito da caverna”.

– Mito da caverna?

– Sim, é uma história que o Platão usa pra explicar muitas coisas.

– Muito esclarecedor professora. – disse ironicamente.

– Não posso contar toda a história agora. Vou deixar o livro com vocês caso necessitem, agora com essa indicação, talvez saibamos como abrir essa maçã e o que vamos encontrar dentro dela.

– Pode estar claro para a senhora, porém pra gente não está! – disse Josi.

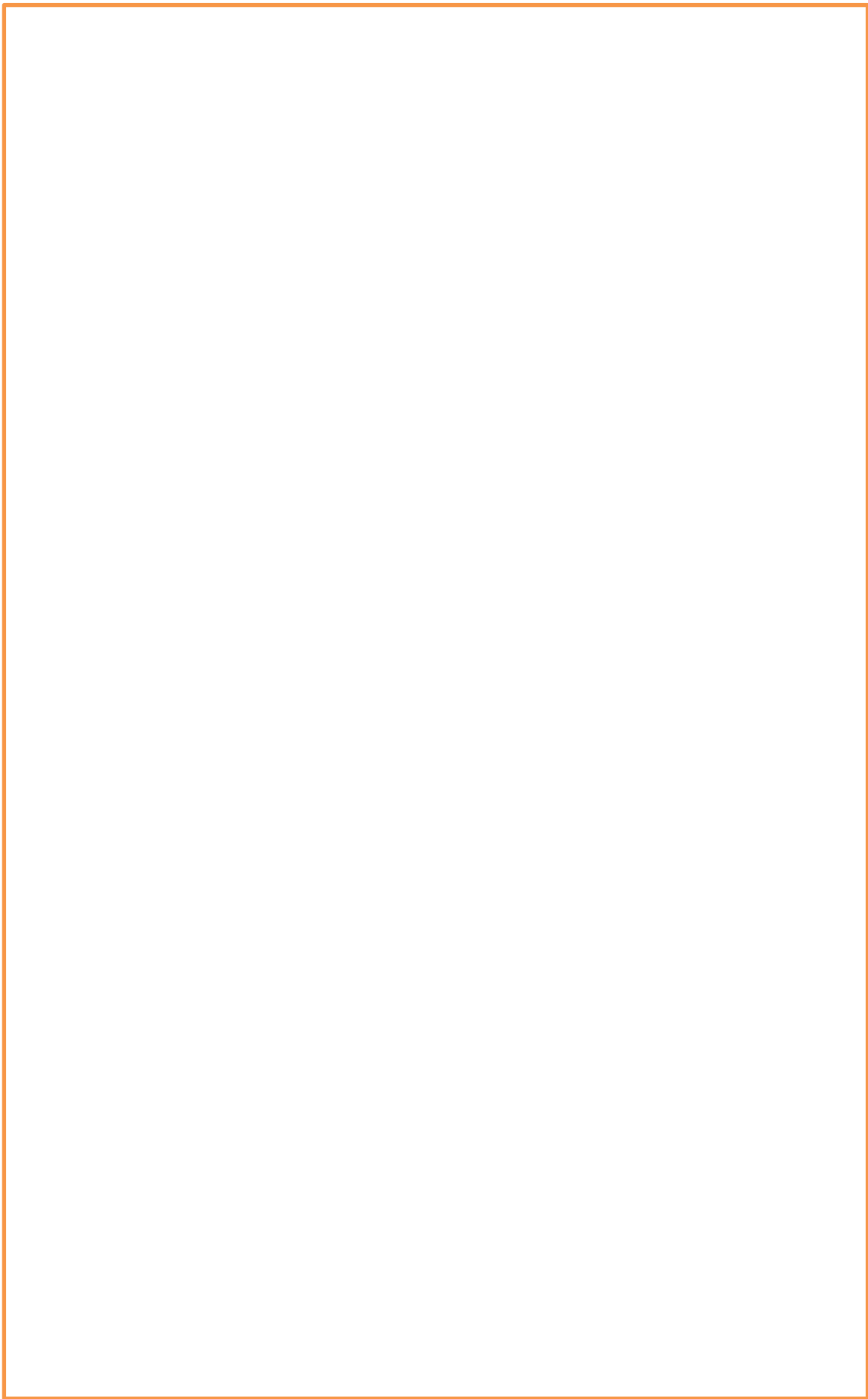
– Primeiro vamos todos nos virar pra parede.

Eu não sei o que se passava na cabeça da professora Mariane, mas obedeci mesmo assim. Ficamos enfileirados de frente pra parede, eu sei, meio ridículo isso, mas estávamos fazendo o que estava escrito na maçã.

– Agora vamos tentar todos imaginar uma caverna ao nosso redor, imaginar que estamos presos nela e que a única coisa que podemos ver são sombras na parede.

Eu percebi que a professora Mariane se afastou de nós, pegou uma folha de papel e começou a desenhar. Que coisa mais maluca era aquela? Acho que pra entender você, caro leitor ou leitora, vai precisar fazer o mesmo! Desenhe abaixo nós cinco de

frente para a parede de uma caverna, vendo apenas sombras, vire o livro caso ache que seja necessário.



Só consegui ver de relance o que a professora desenhava na folha branca, mas parecia estar ficando muito bom. Na mesma hora que voltei meus olhos para a parede juro que vi sobras se formando nela, do mesmo jeito que Sócrates disse para Glauco! Eram sombras de bichos, pessoas e objetos. Ok, eu estava ficando assustada.

– Professora o que tá acontecendo?

O Igor também estava assustado, dava pra ver pelo jeito que ele perguntou, todos nós estávamos na verdade, mas a professora não deu resposta, apenas continuou desenhando, depois ela grudou o desenho na parede e aí algo muito estranho aconteceu. A parede se abriu e umas pedras começaram a aparecer, depois tudo ao nosso redor mudou, as parede, o teto...Estávamos numa caverna.

– Gente, será que sou eu que estou ficando maluca ou a gente tá dentro de uma caverna?

– Estamos Josi, mas que maluquice é essa? E como a gente volta? Cadê a professora Mariane?

– Não sei, acho que ela fez a gente cair aqui Anahí.

– Como assim cair? A gente não caiu?

– Vocês não sentiram um frio na barriga como se estivéssemos caindo?

Porque eu senti! – disse Fernando.

– Eu também! – disse Josi meio exasperada.

– Tá isso não importa muito agora, como que a gente vai sair daqui? E qual o motivo de estarmos aqui?

Ninguém respondeu minha pergunta rapidamente. Anahí e Josi se levantaram e pegaram o livro da *República de Platão* e a maçã que estava aberta e revelando seu conteúdo interior.

– Ela abriu! Tem um papel dentro!

Josi tirou o papel dobrado de dentro da maçã e leu.

O que é o conhecimento?

– O que tá escrito Josi?

- Tá escrito ‘‘o que é o conhecimento?’’, Fernando.
- Nossa, eu achava que sairia daí uma pista e não um enigma idiota!
- Calma, talvez seja uma pista mesmo! A gente tem que usar a cabeça...
- HAAAAAAA A GENTE TÁ COM O PÉ PRESO!

Eu não tinha reparado, mas estávamos mesmo com o pé preso. Não os dois, apenas o pé direito. Pelo menos não era totalmente igual ao que a professora Mariane havia dito, afinal não estávamos forçados a ficar virados para a parede. Naquele momento, como se alguém conseguisse ler nossos pensamentos uma força invisível, nos fez ficar de frente pra parede e nela as mesmas sombras que vimos na sala dos professores voltaram a aparecer.

– Ok, tudo isso tá muito bizarro, Anahí abre o livro e vê o que acontece depois no diálogo.

- Tá bom, calma!

Anahí começou a ler rapidamente o diálogo. Sócrates ia descrevendo como era a caverna, que tinha homens presos nela e ao que tudo indicava tinham crescido e vivido assim, presos e só vendo sombras na parede. Porém a Anahí parou de ler.

– O que foi? A gente precisa saber o que acontece depois Anahí. – disse bem alto pra ver se ela despertava da cara de transe que estava me fazendo.

– Não posso continuar, as letras estão todas misturadas, acho que a gente tem que tentar se soltar primeiro e depois o livro vai mostrar o que acontece.

– Tá, mas como a gente vai se soltar? – perguntou Fernando olhando pra mim como se eu tivesse que saber.

- Não olha pra mim, não tenho bola de cristal!

– É óbvio não é Maitê, temos que desvendar o enigma ou pelo menos começar, aí sim a gente vai poder se soltar. – achei muito inteligente isso que ele disse, como eu não pensei nisso?

- Há, você tem razão! Deve ser isso mesmo!

- Você está concordando comigo? Milagres acontecem.

Revirei os olhos em sinal de desaprovação. Eu não discordava sempre do Fernando, ok, talvez um pouco.

– Tá bom gente, depois vocês continuam para saber quem discorda mais de quem, vamos tentar desvendar esse enigma logo antes que eu comece a surtar por estar dentro de uma caverna. – gostei que o Igor nos interrompeu, pois naquele momento eu

estava começando a reparar em como o Fernando era bonito, mas não era hora disso, não sei onde que eu tava com a cabeça.

– Bom, a pergunta é “o que é o conhecimento?” e ao mesmo tempo, temos que juntar com a história do mito da caverna, certo? – perguntou Josi que parecia ter voltado a sua calma.

– Bom, pra mim a gente tem que analisar a história por partes, vamos supor que tivéssemos nascido, crescido e vivido aqui até hoje, presos, vendo essas sombras e sem poder olhar para trás, como vocês acham que se sentiriam, como acham que estariam agora? – essa pergunta do Igor foi muito pertinente, só não consegui captar totalmente o sentido dela, mas chegaríamos lá, enquanto nós vamos pensando aqui, presos e numa caverna, que tal leitora ou leitor, você ir fazendo o mesmo? Abaixo você poderá responder à pergunta do Igor e refletir sobre a questão que ele fez.

Capítulo 7- Anahí

A pergunta do Igor fez meu cérebro girar. Não sabia direito o que responder. Como eu me sentiria se tivesse passado a vida toda presa naquele lugar, só podendo olhar para aquela parede? Bom, primeiramente acho que me sentiria mal, talvez pela dor nos músculos que ficar presa ali me dariam, ou talvez elas nem ocorressem já que meu corpo teria acostumado a ficar na mesma posição, supostamente. Mas de uma coisa eu tinha certeza:

– Gente, eu pensei numa coisa! Se a gente tivesse passado a vida toda preso aqui e olhando para essas sombras o que a gente ia pensar?

– No tédio com certeza, porque olha...

– Não Maitê, outra coisa. Pensa comigo se você tivesse passado toda a vida olhando pra essa parede e vendo só isso de sombras e tals, o que você acharia?

– Bom, acho que não acreditaria ver sombras...Acharia que são os animais e as pessoas reais... Já que seriam tudo que eu conheceria. Vei espera...

– Isso Maitê, vocês estão acompanhando o nosso raciocínio?

– Eu tô Anahí, mas na verdade talvez nem soubéssemos o que são essas coisas na parede, que são sombras, mas talvez nem o que são em si...

– A questão aqui é que não saberíamos, caso tivéssemos crescidos presos aqui, que isso não seriam os objetos reais, mas sim meras sombras, acharíamos que seria a realidade e pronto. – Fernando estava ótimo pra desvendar mistérios hoje.

Eu olhei pra Josi e ela pareceu pensar o mesmo que eu. As correntes tinham se soltado dos nossos pés, nós estávamos livres e, ao que tudo indicava, no caminho certo para desvendar todo aquele mistério. Eu me levantei e percebi que estava com câimbras nas perna, Maitê, Josi, Igor e Fernando, também se levantaram com dificuldade. Igor se espreguiçou, mas pareceu sentir uma fisgada na coluna.

– Minha escoliose está gritando agora. A gente ficou muito tempo sentado olhando pra essa parede, mas pelo menos a gente conseguiu começar a desvendar toda essa história.

– Bom, vamos tentar achar a saída desse lugar! – eu estava louca pra sair dali.

Começamos a andar por um caminho altamente tortuoso, o teto da caverna não era muito alto e tínhamos que andar abaixados, era cheio de pedras pontudas e com aquelas estalactites e estalagmites, coloquei a mão na parede pra me apoiar enquanto andava atrás dos outros. Estava cansada, a blusa de frio que eu sempre usava estava toda

rasgada, pois enquanto passávamos, ela se prendia e não dava pra ver quase nada, tinha uma luz muito fraca ao longe, mas no todo era tudo um breu. Passando a mão na parede ia sentindo ela se cortar com o impacto das pedras.

– Gente será que não podemos descansar um pouco? – perguntei isso logo após se passar meia hora de caminhada ou pelo menos tentei calcular esse tempo mentalmente, já que nossos celulares tinham ficado na sala dos professores, nas mochilas, e não dava pra ver a hora no relógio da Josi, afinal estava escuro.

– Anahí vamo, você consegue, acho que não é bom parar agora e ainda mais num lugar desse.

– Como você bem disse Maitê, você acha, você não tem certeza, então vamos parar um pouco sim.

Será que eu estava sendo um pouco autoritária? Mas eu estava cansada e precisávamos pensar um pouco, aquele caminho parecia interminável se aquela luz fraca ao longe era a saída, então tínhamos um longo caminho para percorrer ainda. Estávamos extremamente cansados, era quente, abafado, as dores musculares eram terríveis, minha perna até com espasmos estava.

– Melhor voltarmos a andar. – o Igor falou isso tão ofegante que quis perguntar como ele estava se sentindo, mas não consegui.

Depois de eu quase tropeçar numa pedra, percebi o motivo de não estarmos chegando na saída.

– A gente precisa descobrir mais alguma coisa antes de prosseguir, parando pra pensar a gente nem respondeu a pergunta, “o que é o conhecimento?”

Todo mundo parou, não vi, claro, mas deu pra sentir, já que não ouvi mais passos.

– A Anahí tem razão, quanto mais a gente anda, mais parece que ficamos longe da saída. – Josi ainda estava com a voz bem firme e parecia bem irritada.

– Bom, supondo que alguém conseguisse se soltar daquele lugar, o que aconteceria com ele?

– Por que você está perguntando isso agora Fernando?

– Porque Igor, é óbvio que temos que seguir a linha do que acontece com a gente e do que possivelmente aconteceu na história do Platão, que agora não dá pra ler porque tá escuro, não sei nem como a Anahí leu algo enquanto estávamos presos.

– A luz batia um pouco na parede quanto estávamos lá, não sei. Acho que era o ângulo e também para conseguirmos ver as sombras. Aqui é que não está dando pra ver nada.

– Mas vamos lá, como vocês estão se sentindo agora? Como acham que alguém se sentiria depois de se soltar daquelas correntes, se tivesse que fazer esse caminho?

Enquanto respiramos ofegantes e tentamos organizar nossos pensamentos você pode tentar pensar nessa questão também:

– Bom, eu acho que se alguém se soltasse, iria se sentir como estamos nos sentindo agora. Cansados, passando por um caminho altamente difícil, se machucando nessas pedras e ainda mais surpreso por descobrir que não existia só aquilo ali, as sombras, mas que tinha todo um espaço na caverna que ainda não tinha explorado, pelo fato de estar preso. Imagina a dor que ele sentiu com tantos anos preso, tendo que andar tudo isso. – Josi falou tudo isso rapidamente e com uma pontada de raiva em cada palavra dita, não vou julgá-la, também não estava no melhor dos meus humores.

– Faz sentido, ele estava lá preso achando que tudo aquilo que via era real e de repente se solta e vê que não, que na verdade tudo aquilo não era tudo que existia no mundo. O cara deve ter pirado um pouco e passando por esse caminho, deve ter pensado em voltar, certeza. – Fernando tinha razão, eu por exemplo já tinha pensado em voltar inúmeras vezes, estava cansada, machucada e com vontade de deitar um pouco para descansar.

– Acho que todos nós tivemos essa vontade de voltar, mas precisamos continuar!

Assim que o Igor disse isso, a luz da entrada pareceu mais forte e conseguimos ver o quanto mais teríamos que andar, agora não parecia muito. Ficamos animados pois finalmente sairíamos dali. Andamos meio tropeçando aqui e ali e finalmente, finalmente chegamos à saída, assim que levantei meus olhos, eles queimaram.

Que sensação horrível, não conseguia olhar pra cima, fechei meus olhos e tentei ir abrindo aos poucos. Era insuportável e pior ainda parecia que estava na hora do pôr do sol, aquela luz alaranjada era terrível. Passar muito tempo num lugar escuro e

depois sair em um lugar claro faz doer as vistas e no nosso caso, a dor estava sendo meio excruciante, caro leitor e leitora.

– Melhor a gente deixar o olho fechado e tentar se alongar, parece que já vai escurecer e isso indica duas coisas, a primeira que a gente ficou muito tempo aí dentro e estamos encrocados em casa, e a segunda que daqui a pouco poderemos abrir os olhos com facilidade. – eu conclui tudo isso meio rápido e fui logo me alongando pra ver se minhas pernas paravam de tremer.

– Bom, pelo menos saímos dessa caverna idiota, só não sabemos onde saímos, mas saímos. – Igor se sentou do meu lado, eu terminei de me alongar e segurei no ombro dele para saber onde ele estava e não acabar sentando nele sem querer. Não dava pra saber se todo mundo estava com o olho fechado, mas acho que sim. Josi, Fernando e Maitê ficaram calados, pela respiração deu pra identificar que estavam perto.

Após o que pareceu uma eternidade, eu percebi que estava escurecendo e fui abrindo os olhos aos poucos, fiquei olhando um pouco pro chão, deu pra ver os pés do Igor e depois de mais alguns longos minutos conseguimos todos abrir os olhos e olhar onde estávamos.

– É muito bom pode enxergar de novo viu. – eu tinha que concordar com a Josi, era ótimo mesmo.

– É impressão minha ou estamos dentro da Caesb e sentamos embaixo da caixa d'água da Ceilândia?

– Você está certa Maitê, estamos embaixo dela mesmo. Nossa que loucura, entramos na escola na caverna e saímos aqui. – disse Igor pausadamente

– Pois é pessoal e agora? Será que acabou a nossa tarefa?

Assim que o Igor disse isso, duas placas que estavam na parede da caixa d'água ficaram brilhosas e conseguimos ver o que estava escrito nelas, a luz da lua também ajudou a enxergar as palavras.

– Tá escrito *ignorância* e na segunda *opinião* e tem um espaço aqui do tamanho do papel que encontramos dentro da maçã do lado das duas...

– Acho que temos que terminar de desvendar o enigma...O que é o conhecimento? – perguntei.

– Bom, temos que levar em conta essas duas plaquinhas e o caminho pelo qual passamos, vamos pensar um pouco.

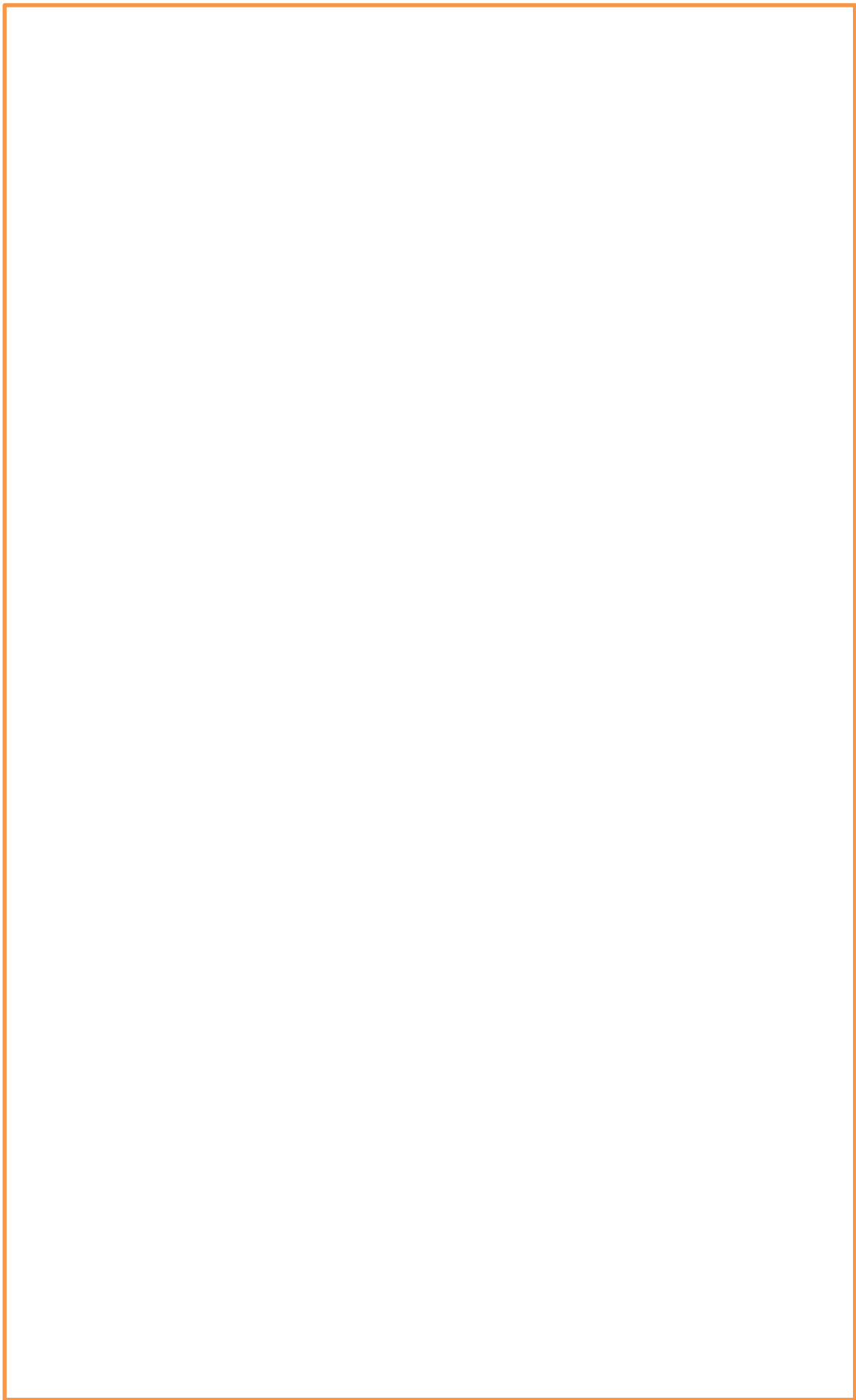
Acatei a ideia da Maitê, ainda estávamos muito cansados e aquela era um pergunta difícil de responder. A luz da lua cheia me fazia ver muito bem as expressões dos meus amigos, de dúvida, de exaustão e também deu pra ver os machucados que eles tinham nos rostos e nas mãos devido ao caminho difícil que percorremos. A Maitê tava com o cabelo todo bagunçado, eu sorri. A senhorita cabelo perfeito e brilhante estava com o cabelo bagunçado, aquilo era uma novidade.

– Do que você tá rindo Anahí?

– Nada Maitê, é que me lembrei de uma coisa aqui, deixa pra lá.

Josi que estava concentrada olhando para as plaquinhas olhou pra mim e pareceu entender do que eu ri. Ok, rir dos outros não é legal, mas naquele momento eu precisava descarregar um pouco da tensão.

Bom, enquanto pensamos sobre “o que é o conhecimento?”, que tal desenhar o caminho que fizemos até a saída da caverna? Usar imagens de revistas, jornais e outros meios podem lhe ajudar nessa tarefa, podendo-se assim fazer até uma colagem caro leitor ou leitora, use sua imaginação.



Depois de pensar um pouco e sentindo que minhas pernas tinham parado de tremer resolvi andar um pouco, me afastei do grupo e dei uma olhada ao redor. Percebi que minha blusa vermelha de frio estava em frangalhos, então tirei e joguei na primeira lixeira que achei. Parecia que o expediente já tinha terminado na Caesb, Caesb é a companhia que fazem o saneamento básico e toda a instalação e distribuição do sistema de águas daqui do DF e essa que estamos era uma das unidades, não sei exatamente o que se faz aqui, mas tudo bem, foi só pra esclarecer.

Todo mundo podia ter ido embora, mas com certeza algum vigia poderia aparecer a qualquer momento. Me bateu um certo desespero, mas na mesma hora vi perto dali objetos pendurados em varas, bonecos de pessoas, bonecos de animais e também objetos. Voltei correndo pra informar o grupo o que eu havia encontrado.

– Pessoal, olha o que eu encontrei!

Todo mundo se levantou de um salto.

– São tipo totens, então é assim que estavam fazendo sombra na parede da caverna, só não sabemos quem é que estava segurando.

Josi fez uma boa colocação, não sabíamos quem tinha segurado aqueles trecos e a caverna já havia se fechado.

– Bom, isso aqui me deu uma ideia do que pode ser a resposta do enigma. – eu estava muito animada pela resposta que encontrei, mas você também vai participar, escreva abaixo com base nas suas reflexões e no que passamos até chegar aqui, o que é conhecimento, leve em consideração o caminho que fizemos pra sair da caverna e as plaquinhas escritas na caixa d'água.

– E aí Anahí diz o que você pensou! – Maitê como sempre apressada.

– Bom, estávamos presos na caverna e tentando entender o que é o conhecimento, se lembram?

– Sim. – disseram todos juntos.

– Então, aquela parte em que ficamos presos e sem conseguir ver nada além das sombras não lembram vocês de alguma coisa?

– Para mim me lembrou o quanto podemos achar que uma coisa é verdadeira ou real, quando na verdade não é...

– Isso Fernando e o que mais gente? Vamos lá!

– Se uma pessoa passa a vida toda presa vendo sombras acaba achando que aquilo é a verdade ou a única verdade. Isso pode acontecer até mesmo na nossa vida, conhecendo apenas uma coisa, ou vivendo apenas em um lugar com um tipo de pessoa, podemos achar que são as únicas coisas válidas ou até mesmo existentes. – Josi como sempre falava muito bem.

– E acho que essa primeira plaquinha aqui tem tudo haver, *ignorância*... Viver assim é viver na ignorância, preso, olhando apenas uma coisa e pensando que aquilo é toda a verdade, sem se dar conta demais nada.

– Muito bem Fernando! – a colocação do Fernando foi ótima.

– Vei, pera então o Platão escreveu essa história meio que um passo a passo pro conhecimento... Não percebem?

– Sim, faz sentido!

– Igor será que você pensou o mesmo que eu?

– Acho que sim Maitê, depois a gente conseguiu se soltar, após termos desvendado o que significavam aquelas sombras e o que era estar preso ali, começamos a subir aquele caminho tortuoso, que seria a opinião, seria o estar tentando se confrontar com o que estávamos vivendo e descobrindo que havia algo além daquelas sombras, criando uma opinião a respeito. Foi exatamente o que fizemos lá dentro, se lembram?

– Exatamente Igor, e quando nós saímos o sol cegou a gente, exatamente como alguém que ficou por muitos anos dentro daquela caverna, representa quando a pessoa descobre todo um mundo que ela não conhecia, quando a pessoa chega no conhecimento e vê que o mundo é mais do que ela imaginava, no caso alguém que tivesse ficado a vida toda dentro da caverna perceberia que é o mundo, que é mais do

que aquilo que ela conhecia. É um processo um pouco doloroso, pra não dizer muito, mas depois que se sai, se descobre a verdade.

Todos nós ficamos olhando pro Fernando, Maitê o encarava com cara de espanto e admiração. Havíamos descoberto o enigma, pelo menos descobrimos o que significava conhecimento para o Platão, tudo aquilo ali fazia sentido. Tiramos a parte do papelzinho em que estava escrito *conhecimento* e colocamos no espaço corresponde na caixa d'água. As três palavras brilharam mais intensamente e desapareceram, uma coruja buraqueira piou alto ao longe.

Capítulo 8 - Josi

Levamos um susto com o pio daquela coruja. O Fernando pediu para que fizéssemos silêncio, parecia que ele conhecia de onde vinha aquele barulho.

– É Atena, certeza!

– Muito bem meus caros! – disse uma bela voz e adivinha quem era a dona dessa voz? Imaginem quem apareceu na nossa frente com coruja e tudo? Sim, Atena. Eu não achava mais nada daquilo uma loucura, depois de tudo que passamos só nos restava aceitar.

– Vejo que conseguiram passar pela tarefa, abriram a maçã, descobriram o enigma e conseguiram entrar e sair da caverna de Platão, muito bem!

– Por nada heim...

Maitê como sempre abrindo a boca na hora errada. O olhar que Atena lançou para ela foi extremamente severo.

– Não foi um favor Maitê. Isso foi uma jornada, a qual ainda não acabou, ela serve para lhes ensinar muitas coisas e fazer vocês percorrerem o caminho da filosofia.

– Espera deusa Atena, Atena...Isso ainda não acabou? A gente passou a tarde toda e metade da noite nessa loucura, estamos cansados, fora a bronca que vamos levar em casa...

– Josi, vocês ainda têm mais uma tarefa. Ares foi atrás de vocês porque queria levar a maçã para Afrodite.

– Por que? – perguntei.

– Porque Afrodite e Ares são amantes há milênios, portanto vocês precisam levar a maçã para um lugar seguro.

– E que tal se nós déssemos a maçã para a senhora? Diferente do Páris achamos que a senhora é muito mais que Afrodite... – Igor parecia muito sincero dizendo aquilo.

– Não posso ficar com isso Igor, ela é um objeto que por mais que em seu interior contivesse uma pergunta muito importante para a humanidade, ela foi feita para causar discórdia. Não quero levar esse objeto comigo para o Olimpo, nem eu, nem Hera queremos mais essa maçã, depois do estrago que ela causou: A guerra de Tróia. Combinamos de não a querer mais. Por outro lado Afrodite ainda a quer, mas não deve ficar com ela, suas promessas causam demasiado estrago na humanidade quando cumpridas.

– E que lugar seguro é esse? Para onde temos que levar a maçã?

– Bom, aqui na Ceilândia não pode ficar, pois é onde vocês moram, de preferência tem de ser um lugar que tenha água, assim Ares não vai sentir o cheiro que ela exala.

– Pode ser no lago Paranoá... – disse Maitê

– Sim, no lago... – enfatizei.

– Ótima ideia, lá inclusive vocês vão encontrar uma surpresa, ou na verdade, um próximo passo.

Atena piscou e com um pio alto da coruja voltou a sumir.

– O que ela quis dizer com próximo passo? – perguntei.

– Não sei, mas é melhor irmos embora, foi uma sorte o vigia daqui não ter pego a gente!

Corremos pra entrada e tentamos ver como poderíamos sair, como um milagre, o portão estava sendo aberto bem na hora, fomos nos esgueirando, enquanto o carro entrava, e conseguimos sair o mais depressa possível. Sentimos o costumeiro cheiro das barraquinhas de cachorro quente que ficam ali perto e o vento da noite batendo nos nossos rostos.

– A gente bem que podia fazer um lanchinho viu, depois disso tudo que aconteceu eu tô morrendo de fome.

– Não sei com qual dinheiro Maitê, já que nossas mochilas ficaram na escola e fora que devem estar preocupados com a gente em casa. – percebi que tinha sido dura com a Maitê apenas depois que terminei de falar, mas paciência.

– Olha gente o que tá aqui na porta!

Nossas mochilas estavam na porta da Cesb, todas elas.

– Será que a professora Mariane trouxe pra cá? – peguei minha mochila e senti um certo alívio, acho que estava meio desnorreada com tudo que tinha acontecido.

– Bom, então vamos ou não fazer um lanche Josi?

Todo mundo parecia com fome, então usamos a pouca energia que nos restava e fomos andando até o *catorze irmãos*, é um dos lugares mais conhecidos da Ceilândia para se comer e barato também. Claro que todos nós tivemos que fazer uma vaquinha entre nós para pagar o lanche de todo mundo, mas vou deixar uma coisa clara aqui, foi o melhor lanche que eu comi na minha vida.

Quando cheguei em casa, estava me preparando para a bronca que iria levar.

– Oi Josi, como foi lá na reunião com a sua professora de filosofia?

– Reunião? – não entendi, não tinha falado de reunião nenhuma.

– A reunião que sua professora ligou avisando que teria com você, a Anahí Igor, Fernando e Maitê depois da aula. – minha mãe já estava me olhando com um olhar muito desconfiado.

– Sim, a reunião, foi tudo bem, mãe.

Engraçado como minha mãe sempre sabia quando eu estava mentindo. Eu odiava mentiras então dava pra perceber na minha cara que eu não estava falando a verdade.

– Ok, eu não fui pra essa reunião.

– E onde você estava até essa hora?

Eu engoli seco não poderia contar a verdade até porque ela não iria acreditar, mas mentir eu não ia, então...

– Não quer falar não é, pois então está de castigo dona Josi, pra você aprender a não faltar a atividades da escola e a não mentir.

Entre no meu quarto coloquei a mochila na mesa de estudo, deitei na cama e fiquei pensando em tudo que tinha acontecido. Eu estava tão cansada que dormi cinco minutos depois. O bom do cansaço é que não sonhei com nada, nem com aquela caverna estranha e nem com deuses e deusas gregos cheio de tarefas e ordens.

Ainda bem que meu celular ficava programado para despertar no mesmo horário. O problema é que era sábado, e sábado eu não tinha aula, então acordei sobressaltada quando tocou. Até lembrar que era sábado demorou uns bons quinze minutos de desespero, mas quando me lembrei, me acalmei.

Peguei meu celular e vi as mensagens. Maitê fez um grupo e colocou nós cinco nele. O nome do grupo era engraçado, mas combinava com a gente “Os cinco da filosofia”. Tinha já umas cem mensagens, não consegui ler tudo porque ainda estava meio grogue de sono, resolvi tomar um banho, afinal tinha dormido de uniforme e depois de andar por uma caverna eu não estava muito limpa. Só não sei como minha mãe não reparou no arranhão na minha bochecha direita e nas minhas mãos, mas quando eu olhei no espelho o arranhões não estavam mais lá. Será que tinham sumido enquanto eu dormia?

Resolvi tomar logo café e ver se o Igor poderia vir na minha casa, já que estava de castigo, provavelmente pelo final de semana todo.

– Josi bom dia! – minha irmã já estava acordada, ela sempre acordava cedo e fazia o café nos sábados, meus pais tinham saído para trabalhar como de costume.

– Bom dia, tem biscoito de leite?

– Tem, tá na terceira porta. A mamãe pediu pra te avisar que você está de castigo. O que você fez? Você nunca apronta nada.

– Ontem em vez de ir pra uma reunião na escola eu fui pra outro lugar, foi isso.

– Hummmm e pra onde você foi?

– Prefiro não contar Rebeca!

Minha irmã me olhou com um olhar de desaprovação, mas não fez mais perguntas. Peguei o celular de novo e vi pelas mensagens que quem tinha falado da tal reunião foi a própria professora Mariane, todo mundo meio que seguiu o baile da história. Ela deve ter ligado nas nossas casas pra falar isso e tentar encobrir nossa saída. Bom, independente de qualquer coisa eu não iria mentir, mas também não podia contar a verdade.

Mandeí uma mensagem pro Igor pedindo que ele visse na minha casa e cancelei a tarde de filmes costumeira com a Maitê. Igor disse que só poderia ir depois do almoço, como combinado ele apareceu por volta das duas e começamos a organizar como levaríamos a maçã pro Lago Paranoá. A Maitê e o Fernando participariam de uma competição pela escola na terça-feira lá perto, a escola toda iria pra assistir, era só a gente levar a maçã e dar um jeito de colocar lá.

– Bom, o plano é esse, mandamos tudo aqui no grupo! Não temos com o que nos preocuparmos Josi.

– Sei lá Igor, é que me senti meio estranha depois de tudo isso que aconteceu sabe?!

– Sim, foi muita coisa junta, não parece que se passaram dois dias, mas dois séculos.

– Nisso você tem razão.

O Igor me olhou com um certo brilho no olhar e disse.

– E também foram os dias mais inesquecíveis porque encontrei os melhores amigos do mundo. A gente já se conhecia, mas não éramos tão próximos quanto somos agora.

Dei um abraço no Igor, fiquei muito feliz que ele se sentisse assim. Eu entendia o que ele queria dizer, parecia que nós cinco nos conhecíamos há mil anos, tínhamos nos tornado um grupo, uma unidade, os cinco da filosofia.

Capítulo 9- Fernando

Passei o final de semana todo tentando entender o que tinha acontecido na quinta e na sexta. Mas a explicação era aceitar o que tinha acontecido, em vez de ficar achando que era pura loucura. Na segunda-feira acordei animado para ir à escola, até cantando estava.

Quando cheguei na escola a Maitê já estava lá, ela sempre chegava cedo.

– E aí senhorita? Tudo bem?

Achei que ela iria me olhar com a mesma cara de sempre, aquela que dizia ‘‘aff tá falando comigo por qual motivo?’’, mas dessa vez ela parecia diferente, o jeito que ela me olhou foi diferente.

– Eu tô bem, deu pra descansar bem nesse final de semana, depois de tudo pelo que a gente passou.

– Sim vei, acho que a gente tem muita sorte pra tudo isso acontecer com a gente.

– Sorte?

– Eu tava sendo irônico Maitê.

– Ah!

Por que ela estava me olhando daquele jeito? E ela nem brigou comigo hoje, estranho, isso era novidade. Eu acabei olhando pra ela também, nem tinha reparado que os olhos dela eram castanhos, meio avelã, muito bonitos, dava pra se perder neles por horas a fio. Ok, acho que li livros do Nicholas Spark⁶ demais.

– Oieee gente!

A Anahí chegou bem na hora, já estava ficando meio constrangedor.

– Só eu acordei animada para a aula hoje?

– Pior que não Anahí! – Maitê e eu falamos juntos.

– Maitê e Fernando animados pra aula? Vai chover hoje. A gente precisa se reunir pra discutir sobre amanhã, depois da aula, temos que ver...

Anahí era muito falante, mostrou pra gente tudo que ela organizou pra reunião de hoje à tarde, eu me distraía entre o que ela falava e ficar olhando pros olhos da Maitê. O que deu em mim?

⁶ Famoso escritor americano de livros de romance. Como o Best-Seller ‘‘Um amor para Recordar’’.

Decidi esquecer aquilo e deixar essas coisas de lado, já tinha muita coisa na cabeça, a competição de corrida e em como iríamos nos livrar daquela maçã. Igor e Josi chegaram assim que o portão da escola abriu e nos juntamos pra ficar esperando a aula de filosofia. Ficamos conversando sobre a competição de corrida da qual eu e a Maitê iremos participar, a escola toda estava ansiosa, pois com o dinheiro da competição, caso ganhássemos, faríamos uma reforma na escola, não era muito, mas nas atuais condições, seria de grande ajuda.

O sinal tocou e lá vinha a professora Mariane com sua bolsa laranja e seu cabelo cor de fogo.

– Oi meninos, como foi o final de semana?

– Foi bom professora, deu pra dar uma descansada! – o Igor ficou olhando pra ela incisivamente como quem diz “preciso falar com a senhora”.

Ela se aproximou mais da gente e disse baixinho.

– Falo com vocês no intervalo.

Entramos na sala e pela primeira vez sentamos todos juntos no canto direito da sala, a professora começou a fazer a chamada e quando terminou anotou o nome do tema da aula de hoje.

– Bom, mas antes de falarmos de Hipátia, eu gostaria de terminar a história da *Íliada* e salientar algumas coisas sobre o mito.

A professora terminou de contar a história da *Íliada* que depois daqueles dias eu estava careca de saber, literalmente, afinal cortei o cabelo. Depois pediu para que revisássemos as características dos mitos.

– Bom, eu comecei pela mitologia grega essa caminhada pela filosofia, mas se poderia falar aqui de qualquer mitologia, a nórdica, a egípcia ou até mesmo a brasileira. Gostaria de deixar claro que não vou seguir a linha histórica da filosofia. Até porque agora estamos trabalhando por eixos temáticos. Nosso eixo de agora é *conhecimento*. Então para dar continuidade veremos a filósofa, Hipátia.

– Hipátia? – perguntou Jorge lá no fundo da sala.

– Sim, Hipátia! Uma filósofa!

Eu já tinha ouvido falar de filósofos, mas filósofas era a primeira vez. Não que eu ache que mulheres não possam ser filósofas. Só não tinha ouvido ainda falar de alguma filósofa. E estávamos na aula de filosofia pra isso não? Para aprender sobre.

– Hipátia foi uma grande filósofa de Alexandria, cidade que hoje ficaria no território que corresponde ao Egito, foi Alexandre, o grande que a fundou, por isso a cidade tem esse nome. Ela lecionou na biblioteca da cidade, na qual seu pai também lecionava antes mesmo de ela se tornar professora de lá. Hipátia pesquisava muito sobre astronomia e matemática, mas infelizmente não temos textos dela para ler e saber exatamente tudo que ela pesquisou.

– Por que professora? – perguntei meio de sobressalto.

– Bom, Fernando é uma história um pouco triste. A biblioteca que Hipátia dava aulas acabou queimando. Na verdade a cidade passava por uma grande efervescência social, havia muitas brigas e lutas dos cristãos contra os pagãos. Com a ascensão do cristianismo na região, os ânimos ficaram um pouco inflamados, digamos assim, e os cristãos da cidade colocaram fogo a biblioteca onde Hipátia dava aula, nessa biblioteca se encontravam instrumentos científicos inovadores e os mais variados textos de grandes pensadores. Tudo foi perdido, inclusive os escritos dela.

– E ela ficou bem professora?

– Infelizmente não Ricardo, ela acabou sendo morta, primeiro a arrastaram pela cidade, depois a torturam e quando ela estava morta a jogaram na fogueira.

Todo mundo da sala começou a cochichar. Era uma história muito triste, pesada para se começar uma manhã, mas real.

– Sim gente, a história não é a das mais leves da filosofia. Mas mesmo com a perda dos seus escritos e com sua morte brutal, algumas de suas descobertas e aprimoramentos chegaram até os dias de hoje, como astrolábio, instrumento que vamos aprender como funciona hoje. Para isso, façam grupos de cinco, por favor.

Eu, Maitê, Anahí, Igor e Josi organizamos nossas cadeiras e formamos um grupo.

– Muito triste essa história da Hipátia, como que pessoas que se dizem cristãs puderam fazer isso com ela?

– Fanáticos né Josi, provavelmente não gostavam do fato de ela ser uma mulher que lecionava e sabia muita coisa. – respondeu Maitê

– Sim, o fanatismo, seja do que for, é horrível né gente?

Eu olhei pra Josi, se tem uma coisa que eu admirava nela, era o quão sensata ela era com tudo. Josi era uma pessoa altamente ética, um exemplo de pessoa. Era cristã e nunca se deixou levar por nenhum tipo de fanatismo que às vezes ocorria na nossa

religião. Aliás na religião da qual eu fazia parte, não faço mais. Todas as religiões merecem respeito, mas o fanatismo seja do que for, até mesmo de uma delas, esse não merece respeito.

A professora estava passando de grupo em grupo explicando para que servia o tal do astrolábio, pelo que eu ouvi ela falando com o grupo do lado servia para calcular a altitude do sol e das estrelas e também tinha sido usado nas navegações de antigamente, antigamente tipo 370 d.c. Hipátia não criou o astrolábio, mas tinha contribuído para seu desenvolvimento.

– Bom gente, o resto da turma está trabalhando com o astrolábio, mas vocês vão se atentar em outra coisa que a Hipátia pesquisou, o movimento elíptico dos planetas.

– Por que? Eu também quero aprender a mexer nesse treco.

– Astrolábio Maitê, depois eu prometo que explico sobre...

– E a senhora trouxe um astrolábio para cada grupo daqui da sala e pra gente nada...

– Eu mandei fazer alguns um tempo atrás, mas preciso que você foque no que vou dizer agora. Vocês precisam pesquisar sobre o movimento elíptico dos planetas para a parte final da missão de amanhã.

– Como que a senhora está sabendo que iremos levar a maçã de ouro pro Lago Paranoá?

– Uma coruja me contou.

– Aquela da Atena.

– Façam o que eu pedi, é importante.

Começamos então a pesquisar sobre o movimento elíptico dos planetas um pouco chateados já que a professora Mariane estava de novo com aquele ar de mistério todo. A gente estava tentando pesquisar pelo celular o que a professora pediu pra gente, mas a maioria dos sites que fomos achando era meio superficial e foi nesse momento que tive uma ideia.

– Professora – chamei – professora! Podemos ir à biblioteca pesquisar você sabe o quê?

A professora estava do outro lado da sala orientando um grupo que só pela cara que estavam fazendo, dava para ver que não estavam entendendo nada de como usar o astrolábio.

– Pode sim, mas voltem antes de acabar a aula.

Eu, Maitê, Igor, Josi e Anahí nos levantamos e fomos para a biblioteca.

– Que milagre é esse de você pedir pra ir na biblioteca?

– Eu costumo ir na biblioteca Maitê, você é que nunca bota o pé lá!

Ponto pra mim dessa vez, afinal a Maitê nunca ia na biblioteca.

– Vocês não vão começar a brigar de novo não é?

– Eu não tô brigando é a Maitê que começou...

– Tá bom gente! Vamos entrar, depois a gente vê quem começou com o que.

A biblioteca da nossa escola era um pouco precária, mas eu sempre ia lá pra pegar emprestado alguns livros de literatura.

– Bom dia, Fernando estava justamente esperando que você viesse aqui hoje, a escola recebeu de doação novos livros do Nicholas Spark, quer da uma olhada?

Sim, eu adoro os livros do Nicholas Spark, a bibliotecária da escola e eu às vezes ficávamos conversando sobre as histórias, foi por isso que mal entrei na biblioteca e ela já foi falando sobre.

– Você gosta dos livros do Nicholas Spark?

– Um pouco sim Igor...

– Estou chocada, o Fernando gosta...

– Tá bom Anahí, todo mundo já entendeu!

– Veiiii...

– Maitê! – veí nada, os livros eram muito bons.

– Deixa ele gente, viemos aqui procurar um livro sobre o movimento elíptico dos planetas, a senhora poderia nos indicar algum?

– Claro que sim, só um minuto.

A bibliotecária da nossa escola era muito gentil, vivia sorrindo e conversando com os alunos, se ainda tinha tanta gente frequentando a biblioteca era justamente pelo incentivo que ela mesma tentava dar.

– Bom, tenho esses livros aqui de astronomia que falam do assunto, se quiserem dar uma olhada.

– Muito obrigada dona Ângela.

Nos sentamos na mesa mais próxima e começamos a procurar sobre, ainda bem que a Josi levou o caderno para anotarmos o que íamos encontrando.

– Isso aqui é meio idade da pedra né?

– Como assim Maitê? – perguntei meio distraído, pois estava anotando uma observação do livro.

– Procurar coisas em livros, pesquisar na biblioteca...

– Bom, se a senhorita viesse mais á biblioteca, saberia que aqui tem os livros de história que você tanto gosta e alguns de ficção científica que você gosta também, então não é algo da idade da pedra coisíssima nenhuma Maitê.

Josi era a única pessoa que conseguia manter a calma com os comentários da Maitê, ela e o Igor na verdade.

– Gente vamos voltar a pesquisa?

Passamos mais ou menos meia lendo sobre o que era elipse. As que mais pareceram se empolgar foram a Maitê e a Josi, a qual eu sabia que adorava essas coisas de física.

– Alguém tá entendendo alguma coisa? - Igor pelo que dava pra perceber não estava não.

– Eu tô, inclusive esse assunto é muito legal...

– Nossa, pois eu concordo com o Igor, muito chato esse papo de elipse...

Anahí parecia totalmente entediada lendo sobre o assunto, mas eu até que estava gostando.

– Bom, já que a Josi, a Maitê e o Fernando parecem ter entendido perfeitamente, poderiam então explicar para mim e o Igor. – disse Anahí me jogando a caneta.

– Acho que a gente podia pegar um quadro né gente?

Josi disse isso e já foi pegando o pequeno quadro e os pinceis que temos na biblioteca para serem usados pelos alunos.

– Bom o primeiro ponto é saber a diferença entre uma elipse e uma circunferência. A circunferência é um conjunto de pontos com igual distância do centro da figura.

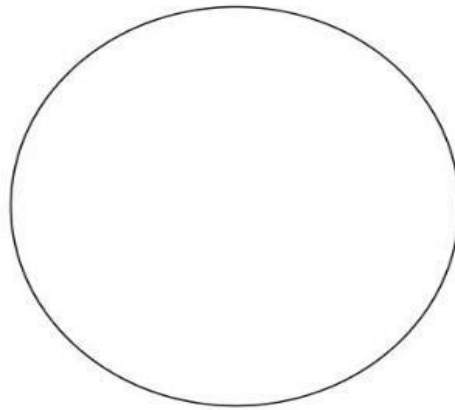


Figura 3: Círculo. Disponível em: < <https://medium.com/lovetouchpoint/love-me-as-a-line-1e9819a6a74>>⁷

– Isso não é um círculo?

– Não Igor, é uma circunferência... É que eu ainda não terminei de desenhar, existem diferenças entre um círculo e uma circunferência. Bom a circunferência como eu já disse é um conjunto de ponto com igual distância até o centro, observem aqui, vou desenhar mais uma e com uma cor diferente.

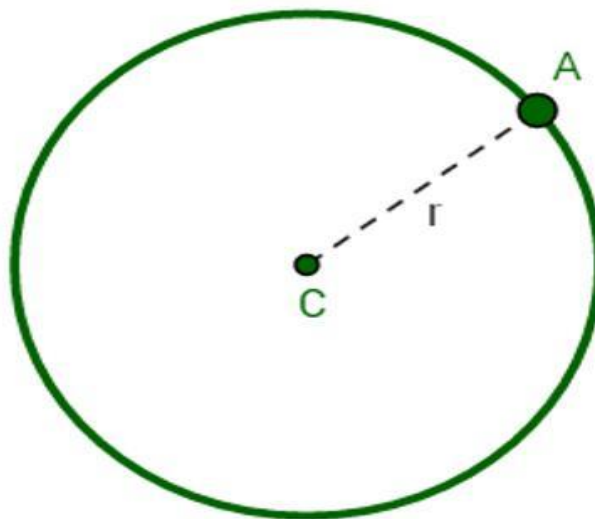


Figura 4: Circunferência. Disponível em: < <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/circulo-circunferencia.htm>>⁸

⁷Figura 3. Círculo. Disponível em: < <https://medium.com/lovetouchpoint/love-me-as-a-line-1e9819a6a74> >. Acesso em: 31.08.18.

⁸Figura 4. Circunferência. Disponível em: < <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/circulo-circunferencia.htm> >. Acesso em: 07.09.18

– Podemos desenhar diversos pontos nessa circunferência, seja, A, B, C...E traçar a distância deles até o centro, a qual será sempre a mesma. Essa distância se chama...

– Raio! – gritei.

– Isso Fernando! Se a gente traçar a distância de um ponto a um ponto que está do outro lado vai se chamar...

– Diâmetro! – dessa vez a Maitê falou mais rápido do que eu olhei para ela e ela me lançou uma piscadinha.

–Sim, basicamente é isso uma circunferência, podemos calcular a circunferência de um círculo, por exemplo, alguém tem uma moeda?

– Tenho uma de cinquenta centavos aqui. – Josi pegou a moeda que entreguei a ela e nos mostrou sua face.

– Então gente, a circunferência é essa linha da borda da moeda e o círculo seria moeda toda, ela preenchida, ou seja, toda a face dela.



Figura 5: Moeda de Cinquenta Centavos. Do Real Disponível em<
https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_de_cinquenta_centavos_do_real>⁹

– O que seria exatamente isso aqui.

⁹Figura 5: Moeda de Cinquenta Centavos. Do Real Disponível em<
https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_de_cinquenta_centavos_do_real>. Acesso em: 08.09.18.

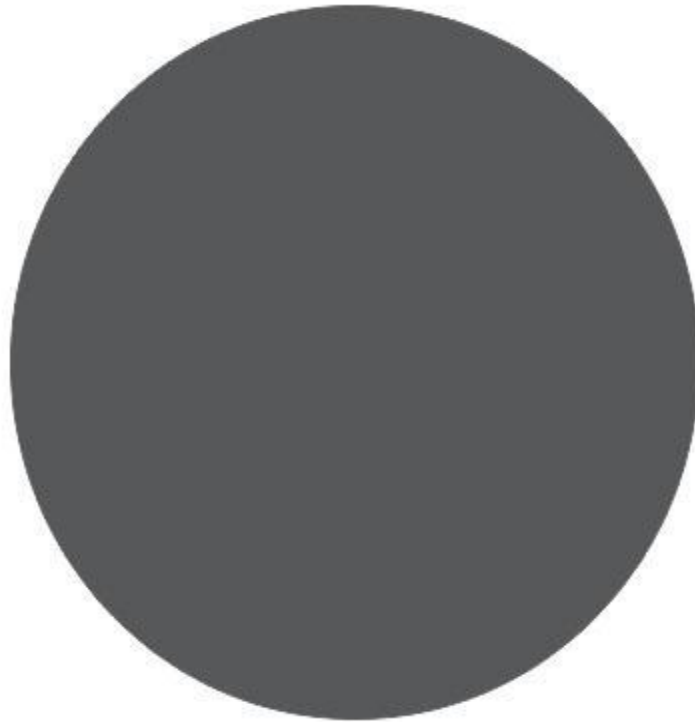


Figura 6. Círculo. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo>>¹⁰

– Ahhhhh entendi, não é difícil essa parte, mas e a elipse?

– Bom, agora vamos à elipse. Ela não é redondinha assim como o círculo, ela é desse jeito aqui.

¹⁰Figura 6. Círculo. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo>. Disponível em: 17.09.18

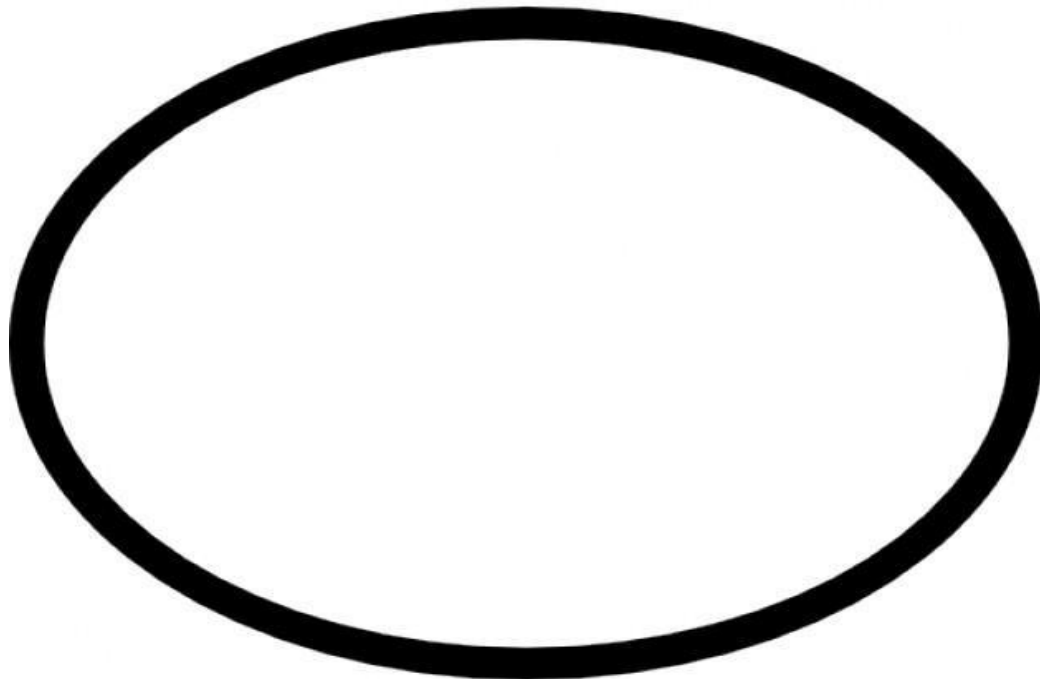


Figura 7: Elipse. Disponível em: <https://br.vexels.com/png-svg/previsualizar/139183/ellipse>¹¹

– Uma circunferência achatada?

– Sim, podemos considerar que sim Igor. O ponto é que a elipse tem como características ter dois pontos na mesma posição e a distância desses dois pontos até a borda varia por toda ela.

– Por isso que não dá pra desenhar ela com um compasso e o desenho da Josi está meio torto.

¹¹Figura 7. Elipse. Disponível em: <https://br.vexels.com/png-svg/previsualizar/139183/ellipse>. Acesso em: 01.10.18

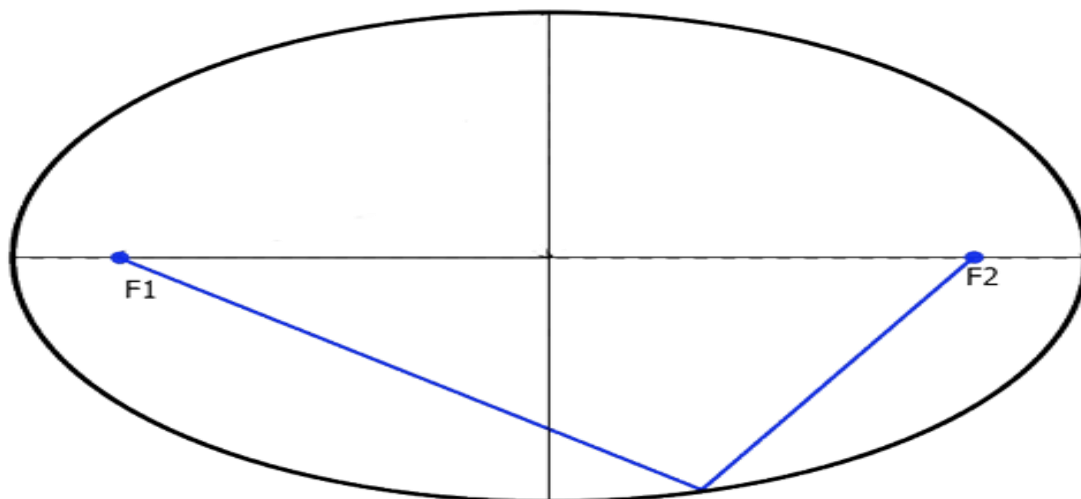


Figura 8. Elipse. Disponível em: <<https://www.matematica.pt/faq/elipse.php>>¹²

Pra você que está lendo esse livro agora não está torto, mas pra gente aqui está um pouquinho mesmo.

- O importante é que está dando pra entender, certo?
- Sim – disseram Anahí e Igor.
- Bom e o que tudo isso tem haver com o movimento elíptico dos planetas?

Boa pergunta, esse é o movimento que os planetas fazem ao redor do sol.

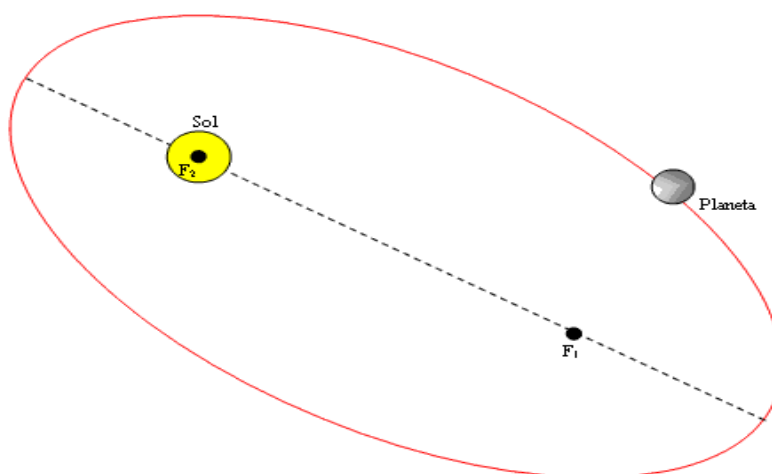


Figura 9. Movimento elíptico dos planetas (leis de Kepler). Disponível em: <<https://www.sofisica.com.br/conteudos/Mecanica/GravitacaoUniversal/lk.php>>¹³

¹²Figura 8. Elipse Disponível em: <<https://www.matematica.pt/faq/elipse.php>. Acesso em: 20.10.18.

¹³ Figura 9. Movimento elíptico dos planetas (leis de Kepler). Disponível em: <<https://www.sofisica.com.br/conteudos/Mecanica/GravitacaoUniversal/lk.php>. Acesso em: 20.10.18

– Então os planetas não giram em torno do sol em movimentos circulares, mas sim elípticos?

– Sim, sim Anahí!

– E a Hipátia, já naquela época em que ela viveu conseguiu saber isso?

– Bom, pelo que tudo indica sim, mas como a professora disse os textos da Hipátia foram queimados junto com muitos outros quando a biblioteca de Alexandria incendiou então... Meio que quem ganhou o crédito todo pela descoberta foi um cara chamado Kepler que nasceu no século XVI e tudo mais.

– É um absurdo alguém queimar uma biblioteca, sério, lá devia ter muita coisa importante para o conhecimento. – eu tinha que dizer isso, é algo que não entra na minha cabeça.

– Vei, é por isso que temos que tomar cuidado com ficar cegos pelo ódio e acabar sendo levados por ideias descabidas.

– Você tá certa Maitê, esse ato custou muito pra humanidade, muita coisa perdida não foi “descoberta” de novo até hoje. É muito triste isso. – Josi ficou com um olhar distante, perdida em seus pensamentos.

– Bom, fizemos o que a professora Mariane pediu, melhor a gente voltar pra sala. – fui logo dizendo e devolvendo os livros para a bibliotecária prometendo que voltaria depois para pegar emprestado os livros do Nicholas Spark.

Quando voltamos para a sala de aula a professora tinha pedido para todo mundo voltar às fileiras já que faltava pouco para bater o sinal.

– E aí pesquisaram?

– Sim professora, pesquisamos, já sabemos o que é o movimento elíptico dos planetas e tudo mais. – expliquei para ela

– Ótimo amanhã vocês irão precisar saber isso para conseguir colocar a maçã de ouro no lago.

– Como que a senhora sabe de tudo isso? A senhora chegou a falar com a Atena nesse final de semana...

– Um dia eu conto tudo Fernando!

Como estávamos falando baixo para ninguém ouvir e ela não parecia muito a fim de falar não disse mais nada e sentei no fundo sala esperando o sinal tocar.

Aquela manhã de aulas passou rápido, eu, Anahí, Maitê, Igor e Josi ficamos especulando como seria tanto a competição de corrida, como e o que teríamos que fazer

para esconder aquela maçã no lago, eu não tinha nem ideia, saber o movimento elíptico dos planetas não necessariamente deu dicas do que tínhamos que fazer, mas só nos restava descansar e esperar o outro dia. Descansar depois das aulas claro.

CAPÍTULO 10-Igor

Pela primeira vez naquele bimestre acordei cedo e sem precisar que minha vó me acordasse. Estava um pouco ansioso para saber como iríamos colocar a maçã no lago e se a Maitê e o Fernando ganhariam a competição de corrida. Decidi tomar café rápido e ir logo pra escola queria conversar com a Josi para ver se ela tinha alguma ideia do que iríamos fazer.

Claro que como sempre esqueci alguma coisa e tive que voltar pra pegar, então não cheguei tão rápido na escola, quanto eu queria. Mas o bom é que a Maitê já estava na porta esperando a escola abrir, na hora que a vi me deu uma forte crise de riso, aquela roupa de corrida era de doer.

– Nem fala bom dia e já vai rindo da minha cara Igor? – pode ser que pareça que ela estava brava, mas na verdade ela disse com um sorriso nos lábios.

– É que sério essa combinação de cores, azul com laranja...É sério isso?

– Eu também não gostei, mas o professor João que escolheu, o do Fernando é igual.

Tive que conter o riso, só de imaginar o Fernando com a roupa daquela já me dava vontade de rir. O problema é que enquanto ríamos como loucos da situação, pelo menos eu, acabei não percebendo que tinha duas figuras nos observando e conversando rapidamente.

– Igor aquela não é a Atena?

Olhei rápido e vi que era ela mesmo, a coruja e a roupa eram reconhecíveis de longe e adivinha com quem ela estava conversando? Se você disse Ares, acertou em cheio.

– E aquele cara que ela tá conversando é quem?

– Esse é o deus Ares Maitê!

– VEIIIIII NÃO BRINCA...

– shhhhhhh! Não grita, eu ainda não me recuperei do soco que ele me deu da última vez, o que será que esses dois estão conversando?

– Olha, pelo tanto que gesticulam parecem que estão discutindo...

– Se eles não vierem discutir com a gente eu já agradeço.

O problema foi que Ares desapareceu num piscar de olhos, mas Atena veio falar com a gente.

– Preparados para hoje?
– Não muito, pra falar a verdade.
– Fiquem calmos a tarefa não será difícil, Afrodite mandou um recado por Ares e prometeu não intervir, caso vocês consigam terminar a tarefa até a data de hoje.

– Assim de graça, sem mais?
– Bom...
– Sabia, vai aparecer mais alguma coisa pra gente fazer depois! - Maitê sempre muito gentil como podem perceber.

– Vocês vão encontrar as respostas quando chegarem lá, mas esse é o caminho da filosofia, ele não acaba e vocês escolheram estar nele.

– Escolhemos mais ou menos né?
– Então Igor e Maitê avisem seus amigos que isso tudo aqui é uma escolha, creio eu que terminarão pelo menos essa parte da missão...

– Essa parte com certeza, já que acabamos bem envolvidos nessa história, agora se vamos querer continuar e ficar caindo em cavernas, vendo deuses e deusas, tentando esconder objetos mágicos e entender teses complexas de filosofia eu já não sei.

– Ótimo, conto com vocês.
A coruja da Atena piou alto e ela novamente se foi. Parecia desapontada, mas eu disse a verdade, todos nós estávamos de saco cheio daquela história.

– Dá pra acreditar? Ela quer que a gente continue nessa.
– Eu esperava isso já Maitê, sério.

Alguns minutos depois, Josi, Anahí e Fernando chegaram, a gente ainda ia ter que entrar na escola para os professores nos organizarem para podermos ir, mas até que essa parte não demorou muito. A escola conseguiu quatro ônibus para levar o primeiro ano inteiro e quase ninguém faltou, provavelmente porque poucos ou nenhum de nós já havíamos ido no Lago Sul. Era lá que ficava o clube onde seria a competição.

No ônibus fomos cantando aquelas costumeiras músicas de passeio de escola, não vou citá-las aqui porque as acho muito constrangedoras, por isso quando chegava minha vez de cantar, eu acabava cantando baixo.

Demorou mais ou menos uma hora e meia para chegarmos ao nosso destino, pegamos um engarrafamento terrível na Estrutural, ainda bem que tínhamos saído cedo da escola se não chegaríamos muito tarde na competição. Fenando e Maitê foram se

aquecer antes da corrida com o professor João, enquanto os professores que nos acompanharam no passeio nos organizavam na arquibancada.

Na hora da corrida começamos a gritar o nome da escola, da Maitê e do Fernando. Anahí e Josi tinham levado aqueles pompons de líder de torcida, nas cores azul e laranja, sério essas cores não combinam. Eles começaram a fazer a contagem para a largada das meninas, enquanto isso reparei nas outras torcidas, eram cinco escolas todas públicas, tinha muita gente.

O narrador ou mais especificamente o cara que estava narrando a corrida aptou e eu vi uma das cenas mais emocionantes da minha vida. Maitê não saiu na frente de primeira, ela foi ganhando impulso aos poucos, quando vi estava deixando as outras quatro meninas pra trás, era uma corrida de uma volta e de uma vez só, ou seja, ela chegando na frente nós ganharíamos, teria outras competições de outras modalidades naquele dia, mas nós estávamos inscritos apenas na de corrida. Enquanto eu devaneava Maitê chegava na linha de chegada. E adivinha carto leitor ou leitora, ela ganhou! A gente não gritou, a gente berrou.

– MAITÊEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE! MAITÊEEEEEEEEEEEEEEEE!

Abracei Anahí e Josi que estavam pulando comigo no banco da arquibancada, a gente ria e chorava ao mesmo tempo, estávamos muito felizes pela Maitê. Ela fez questão de voltar correndo e dando tchau pra gente, mandamos vários beijos de volta e ela foi dar um abraço no professor de educação física agradecendo.

Tivemos que nos acalmar um pouco para poder nos concentrar e ver a corrida do Fernando! Foi a mesma emoção quando o narrador apitou, ele tinha a mesma tática da Maitê, engraçado como os dois corriam parecido e lá foi ele chegando na linha de chegada, quando ele passou pela faixa começamos a gritar o nome dele, Josi, Anahí e eu puxamos o coro.

– FERNANDOOOOOOOOOO! FERNANDOOOOOO!

Na hora de subir no pódio para receberem as medalhas e o cheque gigante de dez mil reais de prêmio Fernando e Maitê se abraçaram, parece que finalmente os dois não brigariam mais e pra mim caro leitor ou leitora em breve, os dois admitiriam que gostavam um do outro, quem sabe se essa história continuar, saberemos se isso ocorre ou não. Depois das fotos, da pompa e do choro, do discurso do professor, os professores nos levaram para passear pelo clube e esperamos eles pegarem o lanche nos ônibus para fazermos um piquenique no gramado do lugar, que vou deixar claro é lindo, todo verde,

flores para todo lado e todo tipo de espaço para esporte que você imaginar, quadras, de tênis, vôlei, basquete, pistas de corrida, tinha até uma parte que ficava mais no final onde tinha o aras. A nossa escola ralou muito para se inscrever nessa competição, muita gente duvidou que ganharíamos.

– Parabéns Maitê! – fui logo a abraçando assim que ela se juntou a gente. – e você também Fernando! – Fernando chegou um pouco depois.

– É gente, vocês foram ótimos, sem palavras total.

–Valeu Anahí.

Ficamos dando uma admirada nas medalhas que ele ganharam e acabamos percebendo que no verso delas tinha um desenho de uma elipse, igual o desenho que a Josi havia feito na biblioteca.

– Gente olha isso aqui! - nós cinco tentando ver o que tinha no verso da medalha quase demos uma cabeçada uns nos outros sem querer.

– Falei pra gente ver e não pra gente se bater. – disse brincando e a sério ao mesmo tempo.

– É uma elipse, cadê a professora Mariane? A gente precisa mostrar pra ela.

Seguimos a ideia da Josi e procuramos a professora no meio daquele monte de aluno, a achamos falando com o professor de educação física, ela pediu pra esperarmos um pouco e logo veio falar com a gente.

– Professora, olha o que tem atrás das medalhas que ganhamos.

A professora Mariane pegou e ficou um tempo olhando fixamente.

– Uma elipse, esse é o sinal, vocês vão ter que ir agora esconder a maçã no lago. Não logo enquanto dou cobertura a vocês.

Eu até queria discutir, mas acabei desistindo, fomos correndo para a saída do clube e chegar logo até o lago, não sabíamos se tinha uma localização específica, mas acho que quando chegássemos lá teríamos a nossa resposta.

O lago era bem perto do clube então não demoramos a chegar lá.

– Ok e agora? – perguntei meio aflito.

Olhamos meio perdido pros lados para ver se alguém, ou algo aparecia, quando a gente piscou vimos um obelisco de mármore mais ou menos da nossa altura, mas eu tinha certeza que aquilo não estava lá quando chegamos.

– Só acho que esse trambolho não estava aqui quando a gente chegou!

– Você tá certo Fernando, não estava aqui quando chegamos. – disse apontando para o monumento.

Chegamos mais perto e vimos que ele era feito de mármore e que na parte de cima havia o desenho de uma elipse, o sol estava dentro dela, na posição que chamamos de foco, e tinha um planeta percorrendo a elipse, igual o desenho que estava na medalha e que vimos nos livros da biblioteca.

– Gente é isso que a gente estava procurando e não sabia, certeza.

– Também acho Josi, mas o que será que a gente tem que fazer?

Começamos a olhar aquele monumento retangular de mármore para ver se tinha alguma fissura, inscrição ou algo do tipo.

– Gente olha isso aqui atrás! – disse Maitê meio gritando.

– O que é? – perguntou Anahí.

– Parece uma cavidade, um buraco. – disse Josi

Na parte de trás do monumento tinha um pequeno buraco meio arredondado, uma abertura circular e um pouco funda que me fez pensar que só uma coisa caberia ali.

– Anahí você trouxe a maçã?

– Trouxe sim, tá aqui na minha mochila!

Ela tirou a maçã de ouro, não sei se era porque o sol estava batendo nela, mas ela parecia mais brilhante, as duas inscrições que haviam nela de “para a mais bela” e a de “Imagina homens numa morada subterrânea” não estavam mais visíveis, mas tinha uma outra coisa escrita.

– O que tá escrito nela agora?

– Só uma palavra...Filosofia! Eu inclusive acho que essa cavidade do monumento aqui é pra gente colocar ela. – disse Anahí confirmando minha ideia. Josi pegou a maçã da mão dela e colocou dentro da cavidade do monumento e não aconteceu nada.

– Pensei que colocando ela aí, iria acontecer alguma coisa. – disse Maitê.

Na mesma hora o desenho da elipse passou a ganhar vida, o sol desenhado ficou brilhante e o planeta começou a percorrer a elipse ao redor dele, não vou mentir levei um susto, mesmo tendo passado por tanta coisa, eu não conseguia me acostumar com tanta coisa estranha acontecendo.

– Vei, o desenho tá se mexendo! – disse Fernando assustado.

Uma placa começou a sair da parte da frente do monumento com várias instruções escritas. Nos apertamos ao redor dela para ver o que estava escrito.

Diga o nome da filósofa que conhecia os mistérios dos planetas (cinco vezes)

Explique o movimento dos planetas

Chame aquela que os guiou

– Bom a primeira instrução é clara. Temos que dizer o nome dela cinco vezes e como somos cinco, acho que é para cada um dizer pelo menos uma vez. – disse Josi sabiamente, balancei a cabeça concordando com ela.

– Vei isso meio...

– Maitê vamos focar, começa você dizendo.

– Hipátia!

Disse Maitê fortemente.

– Hipátia – disse eu.

– Hipátia – disse Anahí.

– Hipátia– disse Fernando.

– Hipátia – disse Josi.

Começou a sair uma luz do monumento.

– Bom agora a gente tem que explicar o movimento dos planetas, igual a Josi fez na biblioteca.

Cada um de nós foi falando o que havia entendido do movimento elíptico dos planetas. Inclusive caro leitor ou leitora é hora de você fazer isso também, escreva abaixo o que entendeu desse assunto com suas palavras.

A luz que saía do monumento ficou mais intensa.

– Ok, agora a última parte, chamar a que nos guiou nessa missão. – disse eu.

- No três todos juntos! 1, 2, 3...

Por algum motivo meio instintivo demos as mãos e gritamos.

- ATENA!

Muitas coisas aconteceram nesse momento, a luz do monumento nos cobriu, fechamos os olhos, pois a luz estava muito intensa, a luz logo depois se apagou e Atena apareceu em cima do monumento com sua costumeira coruja.

- Muito, muito bem! Para mortais, vocês fizeram um ótimo trabalho!

Para mortais? Por favor, para qualquer ser desse mundo o que fizemos esses dias foi muito bom.

- Vocês conseguiram cumprir toda a missão dada, seguiram bem o caminho da filosofia! – disse ela sorrindo pela primeira vez para nós.

- Bom, eu até que gostei mesmo de fazer tudo isso, foi uma aventura e isso fez com que nós cinco ficássemos amigos. – disse Maitê emocionada. É você leu certo, emocionada.

- Eu também gostei, principalmente por todos nós sermos amigos agora como disse a Maitê.

- Eu também, fiquei com medo em alguns momentos, mas gostei! – disse eu meio emocionado também, confesso.

- Eu diria que não gostei tanto...

- Ahhhhhh Fernando...– dissemos todos nós juntos.

- Ok, eu gostei também, menos de ficar perto da Maitê.

Maitê lançou para ele um olhar de reprovação, mas não disse nada.

- Bom, acho que essa missão foi ótima, aprendemos muito e fizemos laços fortes de amizade, mas ainda bem que acabou. – disse Josi sorrindo. Nós cinco nos abraçamos, foi uma jornada interessante e com certeza a filosofia agora era nossa matéria favorita.

- Fico feliz que vocês tenham aprendido tanto e tenham feito laços de amizade, mas quanto a parte do acabou, não teria tanta certeza. A filosofia tem vários caminhos meus caros, esse foi apenas um dos muitos que existem. – disse Atena com aqueles olhos glaucos inspirando sabedoria e curiosidade.

Tentei perguntar o que ela queria dizer, mas a coruja piou e ela sumiu, como sempre.

- O que será que ela quis dizer? – perguntou Maitê preocupada.

Na mesma hora o monumento de mármore foi sugado pela terra e a água do Lago Paranoá começou a se agitar, a cabeça de uma mulher saiu de dentro daquelas águas e logo depois o tronco, era muito bela, mais que todo mundo que eu conhecia ou iria conhecer, ok talvez esteja exagerando, mas se você a visse caro leitor, diria o mesmo.

– Ela tá chamando a gente pra ficar perto da margem? – perguntou Fernando.

– Parece que sim, além de tudo que já aconteceu, agora tem uma mulher estranha dentro do lado chamando a gente...

– Vamos lá...

Nos aproximamos da água e percebemos que ela tinha uma longa cauda de peixe, sim, cauda de peixe. Mais atrás não havíamos percebido, mas vinha um homem tão belo quanto ela também com uma cauda de peixe.

– Olá, os Cinco da Filosofia. – a voz dela era muito melodiosa, parecia grudar no cérebro.

– Oi, a senhora dona peixe seria quem? – Maitê sendo Maitê.

– Dona peixe? Eu tenho muitos nomes, mas podem me chamar de Iara, Uiara ou Mirela, Mirele, significa mar luminoso, combina comigo, não acham?

– Não acho não, a senhora tá dentro de um lago, não do mar...

– Maitê não seja grossa! – disse Josi intervindo.

– Que gênio moça, bom, eu tenho três coisas para entregar para vocês, na verdade dois livros.

Ela estendeu dois livros para nós e a Josi os pegou, por incrível que pareça os livros não estavam molhados. Os títulos são “Das Independências às liberdades” do Severino Elias Ngoenha, “1492-O encobrimento do outro (a origem do mito da modernidade)” de Enrique Dussel, “Crítica da Razão tupiniquim” Roberto Gomes e “O que é lugar de fala” da Djamila Ribeiro.

– Muito obrigada dona Iara, Mirele... Mas qual o motivo da senhora estar dando esses livros pra gente?

Na mesma hora o cara também com rabo de peixe veio mais perto e estendeu dois objetos, um que parecia um colar com contas coloridas e outro que parecia um pingente com um olho desenhado nele, o olho de Hórus.

– São lindos... Obrigada... – disse Josi

– Gabriel. – disse melodicamente ele.

– Gabriel, mas e os livros e esses objetos...O que significam? – perguntou Maitê.
Gabriel e Iara então disseram juntos, me deixando um pouco incomodado com tom.

– Vários caminhos têm a filosofia, de muitos filósofos e filósofas, chegará a hora que essas obras lhes darão o indicativo do novo caminho a ser percorrido.

Nós cinco estávamos com cara de bocó, desculpe o termo. Acho que ficamos encantados pela sincronia e a beleza daqueles dois, que logo falaram e foram embora para o fundo do lago, nos deixando sozinhos com nossa admiração, cansaço e dúvidas.

FIM DO LIVRO I

POSFÁCIO PARA O PROFESSOR/PROFESSORA

Caros e caras docentes decidi escrever um livro paradidático como monografia do meu curso de licenciatura em filosofia, pois em primeiro lugar vejo a filosofia como um conhecimento repleto de pluralidade e também como uma área do conhecimento permeada por diversos questionamentos, inclusive o questionamento “o que é filosofia?”. Também a vejo como algo feito, seja por indivíduos e ou povos, a partir do lugar onde eles estão, fruto da sua realidade, aspectos, sociais, políticos e ou econômicos. Por conseguinte a filosofia pode e é feita pelos mais variados seres humanos e ela adentra os mais variados espaços, dentre eles a escola, como acontece aqui no Brasil.

Defronte isso e na minha experiência adquirida no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), no qual tive a grande oportunidade de participar um ano e meio e também nos estágios pedagógicos supervisionados, acredito que a filosofia estando presente nos mais diversos espaços e aqui em questão na escola, ela precisa então de uma nova roupagem, de usar aportes pedagógicos para poder melhor trabalhar os conceitos e o rigor filosófico. Tendo em vista esses aspectos decidi produzir esse livro paradidático, para quem sabe, um dia ser usado nas escolas e também para testar ensinar a filosofia com um aporte diferente do convencional do que fazemos na academia.

O livro paradidático foi criado, como já dissemos no prefácio, na década de 70 por Anderson Fernandes Dias, então presidente da editora Ática. O paradidático não tem por função ser trabalhado como uma obra central nas aulas, apesar de nada impedir isso, mas sim de ser trabalhado ao lado do livro didático ou como um elemento a mais nas aulas e ou lido pelo estudante como um complemento ao seu conhecimento. É importante ressaltar que o livro didático e o paradidático não são a mesma coisa, o didático pressupõe um uso central nas aulas e tem mais diretrizes e elementos a serem abordados neles devido aos editais que esses devem seguir. O livro didático no Brasil tem uma história longa, com mais de oitenta anos, eles existem aqui no nosso país mesmo antes de políticas públicas para fomentação e distribuição de livros didáticos. Porém é com o advento das políticas públicas de distribuição de livros didáticos que as editoras passam a ter maior interesse por esse campo, o que faz com que a editora Ática de primeiro momento e posteriormente as demais editoras se interessem pela modalidade do paradidático. É o aumento das publicações dos livros didáticos que faz a

fomentação e criação do livro paradidático. A primeira coleção lançada pela editora Ática como paradidática foi a coleção "Para Gostar de Ler" que reúne crônicas de diversos autores em cada exemplar, o primeiro volume dessa coleção foi lançado em 1977. Porém uma coleção que também teve o objetivo de incentivar e incentivou a leitura nos jovens pelos menos de três gerações seguidas foi a coleção "Vaga-Lume" lançada pela primeira vez em 1973, ambas as coleções fomentaram a leitura entre jovens e crianças, o gosto pela leitura. Podemos então concluir que há livros que já nascem como paradidáticos e outros que são usados para esse fim, mas não foram necessariamente pensados para serem usados dentro da sala de aula, por exemplo, se utilizo a coleção Harry Potter da autora J. K Rowling para tratar por meio dela algum conteúdo ou relacioná-la com algum conteúdo dentro da sala de aula, naquele momento de uso ela está sendo paradidática.

Aqui neste livro paradidático foram trabalhadas a mitologia grega, a filosofia grega e alexandrina. Já que parto da premissa de que fazemos filosofia a partir de onde estamos e esse livro que se pretende o primeiro de uma trilogia que usa as localidades como um recorte da filosofia, centrou-se na Grécia antiga e Alexandria. Lembrando que podemos fazer vários tipos de recortes ao apresentarmos a filosofia, seja aos alunos e ou as pessoas em geral e dentro de cada recorte podemos fazer outros para melhor nos localizarmos. A mitologia grega moveu a história dos "Cinco da Filosofia: A Maçã de Ouro", sendo que fiz maior enfoque na obra Ilíada de Homero, grande clássico da tradição ocidental.

Platão foi um dos filósofos aqui trabalhados, pois ele me inspirou para escrever essa obra já que ele produziu todos os seus textos em diálogos e também porque ele criou um importante mito ou alegoria, "mito da caverna"/alegoria da caverna" que aqui faço uso dele para se compreender qual o caminho epistemológico do conhecimento. Essa alegoria pode ser interpretada de formas diferentes dessa que foi apresentada aqui no livro, mas como o foco de toda a obra é a busca pelo conhecimento, a interpretação usada foi essa.

Hipátia foi a outra filósofa trabalhada já que ela foi uma das pensadoras mais importantes que já tivemos. Ela foi matemática, construtora e filósofa e contribuiu muito para a humanidade com suas ideias e teorias, mas acabou pagando um alto preço por seguir o caminho da filosofia, sendo mulher e pensadora em um período em que Alexandria vivia uma efervescência de ignorância e ódio cego do fanatismo religioso.

Ela foi assassinada brutalmente e teve suas obras queimadas no incêndio da biblioteca de Alexandria. É, portanto importante trazê-la para uma obra como essa para desvelarmos e a descobrir do silenciamento histórico que ela teve e que suas contribuições filosóficas tiveram.

Termino esse posfácio deixando claro que fazer uma obra paradidática não é fácil, ainda mais de filosofia e que em cada página e capítulo dessa obra “Os Cinco da Filosofia: A Maçã de Ouro”, a preocupação com o conceito e com o movimento filosófico foi latente e contínuo. Essa obra não foi construída para banalizar a filosofia, longe disso, mas sim de exercício para sua fomentação e um elemento a mais para poder se usar nas aulas de filosofia nas escolas do Brasil, uma obra de porta de entrada, afinal a filosofia pertence a todos nós e todos e todas deveriam e poderiam ter acesso ela, dentre esses, os nossos estudantes do ensino médio.

Referências Bibliográficas

Obras usadas para o entendimento e uso do termo paradidático

ERNESTA, Zamboni. Que história é essa?-uma proposta analítica dos livros paradidáticos de história. São Paulo, 1991. Tese (doutorado) –Unicamp/Campinas.

MUNAKATA, Kazumi. Produzindo livros didáticos e paradidáticos. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado) – PUC/São Paulo.

Obras usadas como base do conteúdo central da obra

DSIELSKA, M. *Hipatia de Alexandria*. São Paulo: Relógio D'água, 2009.

HOMERO. *Iliada*, 2009. Disponível em<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>>. Acesso em: 30/08/18.

HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Imagens retiradas de sites que estão nesta obra

Figura 1-Mapa-Grécia no século V a.c. Atlas histórico (1977). Disponível em:<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=24652>. Acesso em: 10.11.18.

Figura 2: O Julgamento de Páris do pintor Joaquim Wtewael. Disponível em:<[https://no.wikipedia.org/wiki/Fil:Joachim_Wtewael__The_Judgment_of_Paris_\(1615\).jpg](https://no.wikipedia.org/wiki/Fil:Joachim_Wtewael__The_Judgment_of_Paris_(1615).jpg)>. Acesso em: 30.08.18

Figura 3.Círculo. Disponível em:< <https://medium.com/lovetouchpoint/love-me-as-a-line-1e9819a6a74>>. Acesso em: 31.08.18.

Figura4. Circunferência. Disponível em:< <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/circulo-circunferencia.htm>>. Acesso em: 07.09.18

Figura 5: Moeda de Cinquenta Centavos. Do Real Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_de_cinquenta_centavos_do_real>. Acesso em: 08.09.18.

Figura 6. Círculo. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo>. Disponível em: 17.09.18

Figura 7. Elipse. Disponível em: <https://br.vexels.com/png-svg/previsualizar/139183/elipse>. Acesso em: 01.10.18

Figura 8. Elipse Disponível em: <<https://www.matematica.pt/faq/elipse.php>. Acesso em: 20.10.18.

Figura 9. Movimento elíptico dos planetas (leis de Kepler). Disponível em: < <https://www.sofisica.com.br/conteudos/Mecanica/GravitacaoUniversal/lk.php>. Acesso em: 20.10.18